

B

12.848

S

JOSÉ DURO

FEL

(97-98)

«Lasciate ogni speranza, voi che entrate»

DANTE.

3.^a edição



1923

Livraria Editora

GUIMARÃES & C.^a

68, Rua do Mundo, 70

LISBOA

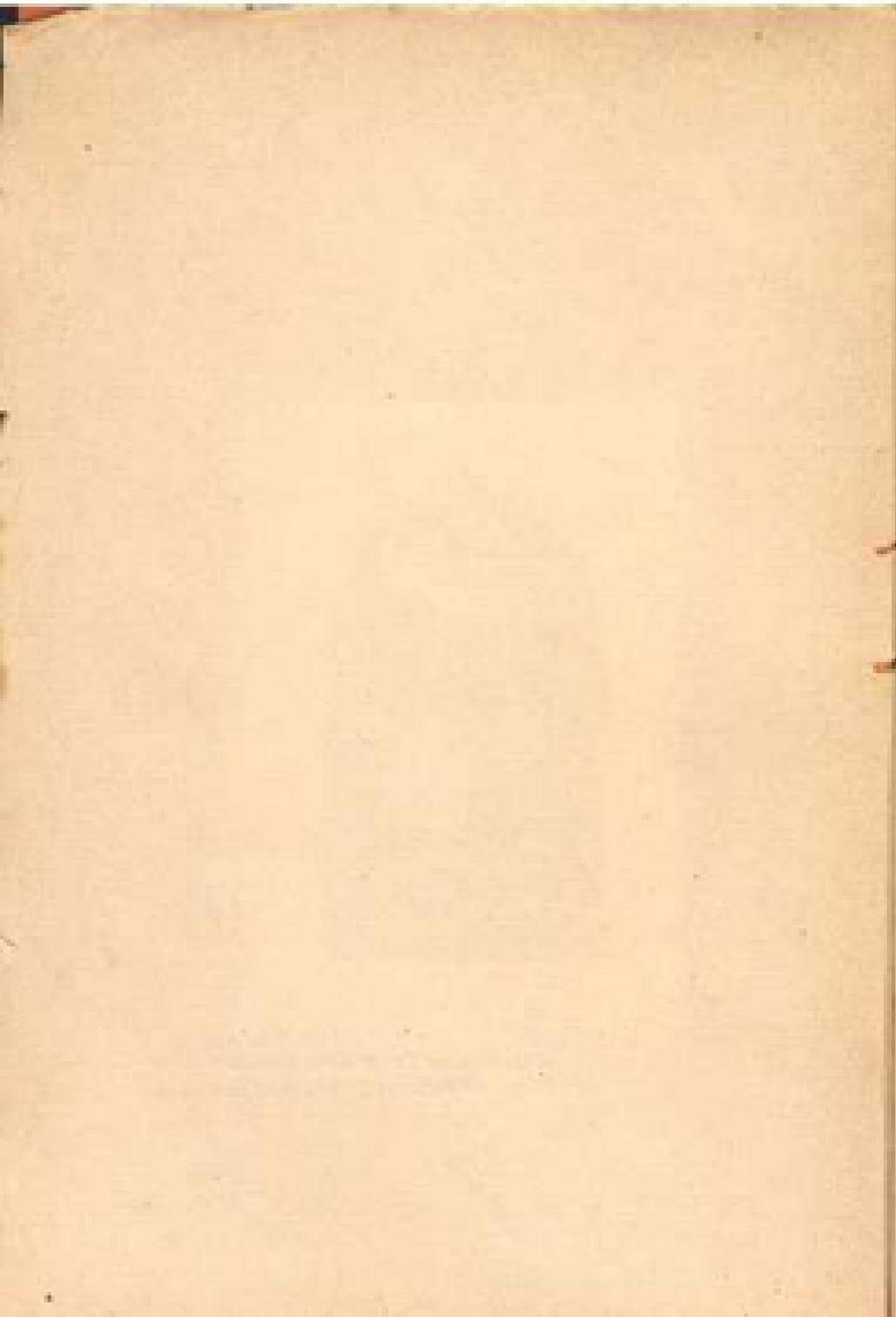


U. D. E. 14 6. 4 016. 9 m. 2

FEL



*Composto e impresso na Imprensa
♦ ♦ de Manuel Lucas Torres ♦ ♦
R. Diario de Noticias, 59 e 61, Lisboa*



A
Biblioteca Pública
de Évora; preço
Eduardo de Sá
1930

JOSÉ DURO

B
512848

FEL

(1898)



3.^a edição



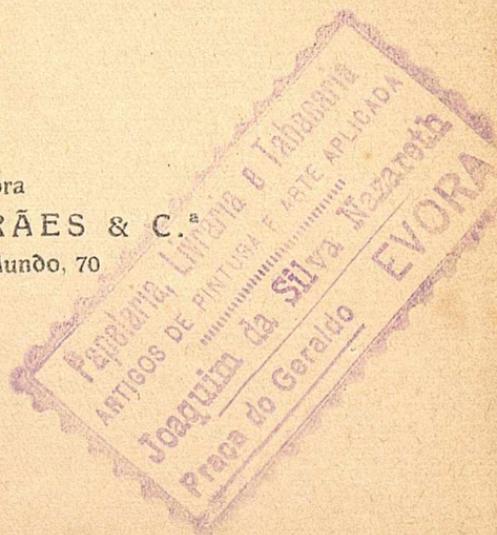
1923

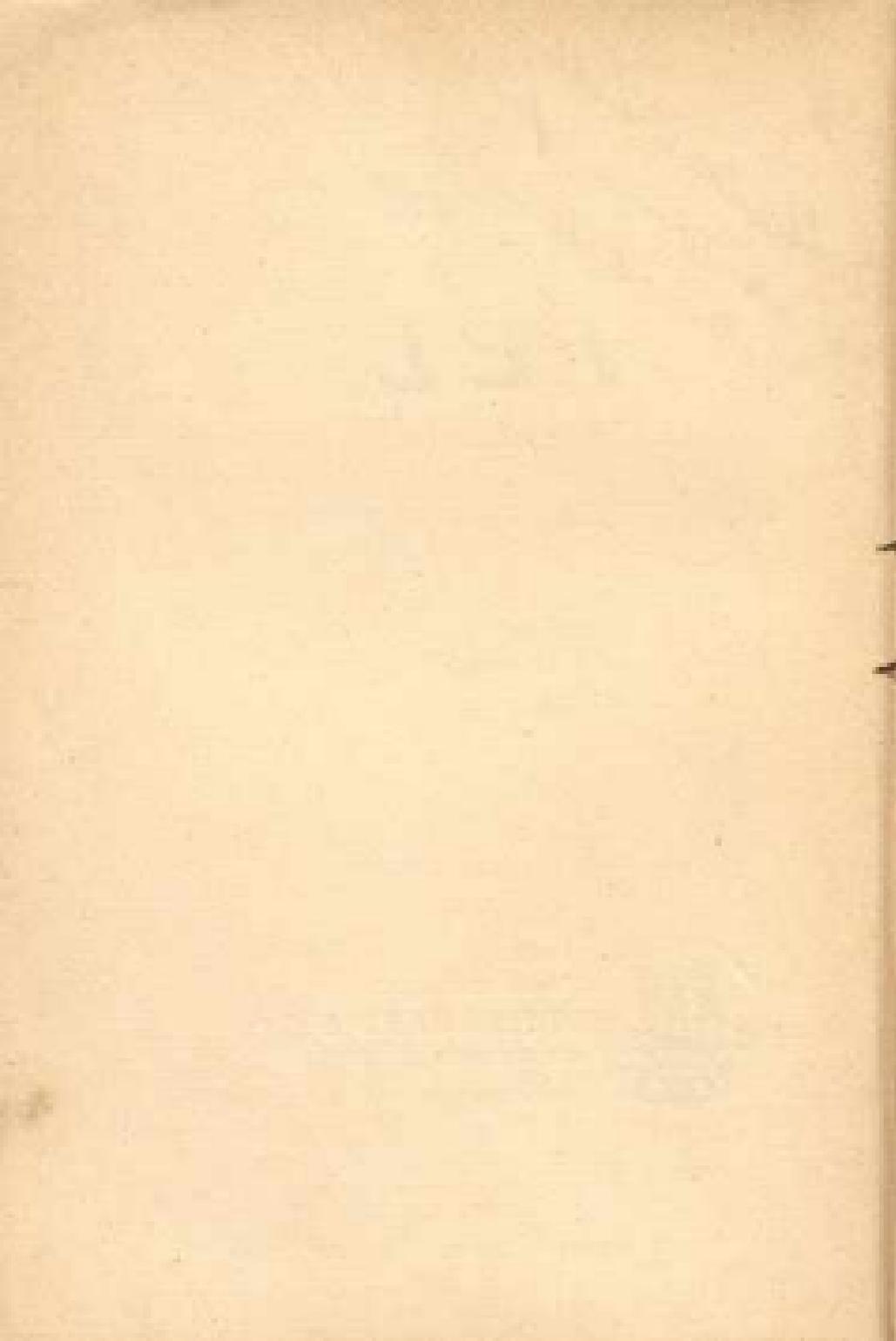
Livraria Editora

GUIMARÃES & C.^a

68, Rua do Mundo, 70

LISBOA







José Duro

Faz agora ao certo dezeseis annos que o coveiro fechou a cova do auctor d'este livro. Dezeseis annos de esquecimento. Foi n'uma chuviscosa e fria manhã de Janeiro de 1899. O *Fel* apparecera uns dias antes, já a Morte lhe tocava as palpebras para lhas fechar e do pulmão delido pouco lhe restava na arca do peito.

O livro não foi notado e só agora ha poucos mezes appareceu o ultimo freguez para levar o derradeiro exemplar da edição, que a bolça miseravel do poeta limitára a quatro ou cinco centos. Os decretalistas e imperantes da critica, olhada a brochura onde o soturno verso de Dante parece guardar a entrada, engeitaram-no. A musa do poeta favorito da

Morte essa vive ainda, eterna, soberana e, n'uma voz plangente, ritual, hierática, sagrada, parece evocar a ilha do Silêncio a que a visão e a paleta sombria de Böecklin deram forma.

Dias depois do livro publicado o poeta morreu. Desconhecido, ninguém o acompanhou. Apenas um grupo de condiscipulos mandou rezar uma missa pela paz e descanso eterno de sua alma.¹

Cumpria-se mais uma vez o dito fatídico de Gérard de Nerval, esse incompreendido Nerval que se enforcou em Paris n'um candieiro da rue Vieille Lanterne: «Os mortos esquecem depressa.»

¹ O *Seculo* de 19 de Janeiro de 1899 noticia o seu funeral e foi, parece-nos, o unico jornal que publicou algumas interessantes linhas de prosa sobre o livro (22 de Janeiro). Tirando o artigo de Santos Tavares e de Mayer Garção, que acompanham esta edição, o poeta foi definitivamente esquecido.

«Os alumnos do 3.º anno da Escola Polytechnica mandam amanhã, pelas 9 horas e meia da manhã, na igreja de S. Mamede, rezar uma missa suffragando a alma do desditoso estudante e primoroso poeta José Duro, e pedem a todos os alumnos das escolas de Lisboa a comparencia n'este acto de verdadeira homenagem.»

Do *Seculo*.

José Duro appareceu nas letras em 1896. Publicava uma *plaquettesita* incolor a que chamava *Flores*¹ e que nada revelava do poeta enorme que elle viria a ser. Todavia, se procurarmos antes, já encontramos a sua musa triste. N'um soneto² que elle publicou em 1895

¹—*Flores* / «*Diversas flores, de diversas cores: / Qual é de vós, dissei, os meus amores?*» / *Portalegre* / *Fragoso & Leonardo* / *Ger. da Typ. Sanches* / 1896 / 31-1 pg.

2

A Morte

Naquelle dia estive prestes a morrer

Sentara-se a meu lado uma figura
— Feições de bronze n'um sorriso adusto,
Erguendo para mim com certo custo
A mão pesada e fria mas segura...

E o olhar, como o olhar que conjectura
Pela muidez da noite o crime injusto
Fitava-me indeciso como um susto
— Nos tragicos esgares da loucura...

E eu perguntei-lhe: — Quem és tu, visão
— Estrella má, talvez, da minha sorte,
Quero dizer aos homens o teu nome.

— Gemea da Treva, irmã da Escuridão
Vago desde o principio... sou a Morte...
Mas não te quero ainda. E abandonou-me.

reconhece-se a inspiração de Anthero. Mas são já bem seus os formosos tercetos que elle não quiz incluir no *Fel*:

— O meu mal tem-me feito descontente,
Tem-me dado só lágrimas a vida.
Ando a soffrer continuamente.

Vivo só com a Dôr... não tem guarida
N'um seio de mulher minha alma doente
E um seio de mulher é quasi vida...

.....

Levei a Vida toda emquanto pude,
Lá pela Mocidade, só a amar
Crendo no Amor, no Bem e na Virtude,

E á sombra negra do teu negro olhar,
Que me dava coragem e saúde
Compunha versos lindos d'encantar...

.....

Perdi o Bem — o archidoce fructo,
Perdi o Riso — a graça do meu canto
E tudo por Amor que não disfructo.

Por isso muita vez com odio canto,
N'uma voz de revolta, voz de lucto,
Tragicos versos de um sombrio encanto.

A musa de José Duro é tragica e inexoravel. Não devaneia, analysa. Não sonha, dis-

seca. A doença abriu a sua alma em versos como um sombrio cacto. O rouquejar da tosse, como um vento mau, secou-lhe as últimas illusões. E nunca se viu um poeta que com tanta crueldade se olhasse para fazer da sua Dôr um poema.

*

Em António Nobre ha resignação. Casímiro d'Abreu envolve-se no manto da crença e ergue para o ceu os versos e a esperança :

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus não seja já.

Cezario Verde, ao contrario, julga-se forte e proclama-o : ¹

«A mim mesmo que tenho a pretensão
De ter saúde, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma arteria, e me mine uma lesão.

Nós outros, teus irmãos, teus companheiros,
Vamos abrindo um matagal de dores !
E somos rijos como os serradores !
E positivos como os engenheiros !

¹ A *Illustração*, de Mariano Pina. *Nós*, 5 de Setembro de 1884.

No *Fel* não. No *Fel* ha apenas fel, dores, desillusões. O *Fel* é bem um breviario n'este paiz onde a maioria dos seus grandes homens morreu tísica. ¹ Mas é um livro enorme, espantoso, onde a Dôr é um oceano e cachoa e impreca, rugindo imponente. E' aquella Dôr humana que «busca os amplos horisontes, e tem marés de fel como um sinistro mar», de que Cezario fala.

*

José Duro é tão grande como Antonio Nobre e Cezario Verde. Menos artista? Talvez. Mas com certeza mais humano. A sua Dôr não *pasa*, não artificia.

E' por isso, por haver sempre almas que o

¹ Soares de Passos, Silva Gayo, Julio Diniz, Guilherme Braga, o pintor Galharão, Manuel Penteado, Rodrigo Paganino, Cezario Verde, Souza Martins, Antonio Nobre, Manuel Laranjeira, o poeta Luiz Carlos, etc..

No *Catalogo das edições, obras de fundo, theatro e livros antigos, dos quaes alguns muito raros, incunábulos, foraes, manuscriptos, etc. 1.ª parte. Livraria Ferreira*, prefaciado pelo Dr. Sousa Viterbo e Cándido de Figueiredo e que é hoje muito raro, vem a pag. 23-24 o seguinte:

comprehendam intensamente, que o seu livro resistirá, mau grado a indiferença da sua geração, á carcoma do tempo. A Cezário Verde e António Nobre já a Fama teceu a sua corôa de amaranto. A José Duro não. Os seus versos estão por ler, a fama do seu génio não rastilhou veloz. Parece que um Destino mau se escarranchou sobre a justiça e a sua mão de ferro açovaca a gorja que hade soltar a voz da sua perduravel consagração.

No prélo. José Duro. O Livro de Jôro.

«*Fel* foi o titulo d'um livro atirado á publicidade em começo de 98 pela mão já descarnada e livorisada d'um tysico que, dias depois, repousou a valer do largo tormento da tosse.

Fel... e havia muito n'aquellas noventa paginas; não tanto quanto devêra de haver.

Raivas e maldições, imprecações de odio e clamores de vinganças, todo esse rabido cortejo que leva á sepultura o esquife do Sonho, passa n'aquellas paginas bramindo em furia, a gesticular convulso. E dir-se-ha, por isso, que a alma do tysico, tocada pelos vermes da terra, a peçonha lhe bebêra para ao diante a verter na alvura do papel?

Não; que, a espaços, cede a rajada o logar á calma; e vem então lufadas cariciosas de lindos sonhos d'infancia, o narrar de como nasceram verduras no caminho longo que o poeta via a desenrolar, o cantar

José Duro esqueceu. Ninguém se lembra d'elle. Os velhos não o leram, os novos não o conhecem. Eu só uma vez vi citado o seu nome. Foi quando o Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira respondeu ao inquerito litterario do jornal *A Republica*. Mas se até hoje lhe tem faltado carinho e applaudidores, tempo virá em que a fama vente do seu lado e então a turba lhe beije e lhe decore os versos.

das frescas rosas que olhos de infante lobrigam onde
olhos de adultos cardos só vêem.

A grande nuvem de arminho foi porem cahindo sobre a terra em negros farrapos. A' terra desce com ella o poeta para um a um nos mostrar singelamente em que revolveram as ancias do sonhador.

De poetas d'alma, qual foi o que não levou comsigo, em ultima recordação da vida, a saudade d'um amor interrompido pelo ultimo golfar da hemoptyse?

Livro de Jôro é o livro de amor do poeta do *Fel*. E' todo o seu adormecido lyrismo de creança, a despertar radiante sob o olhar da sua amada.

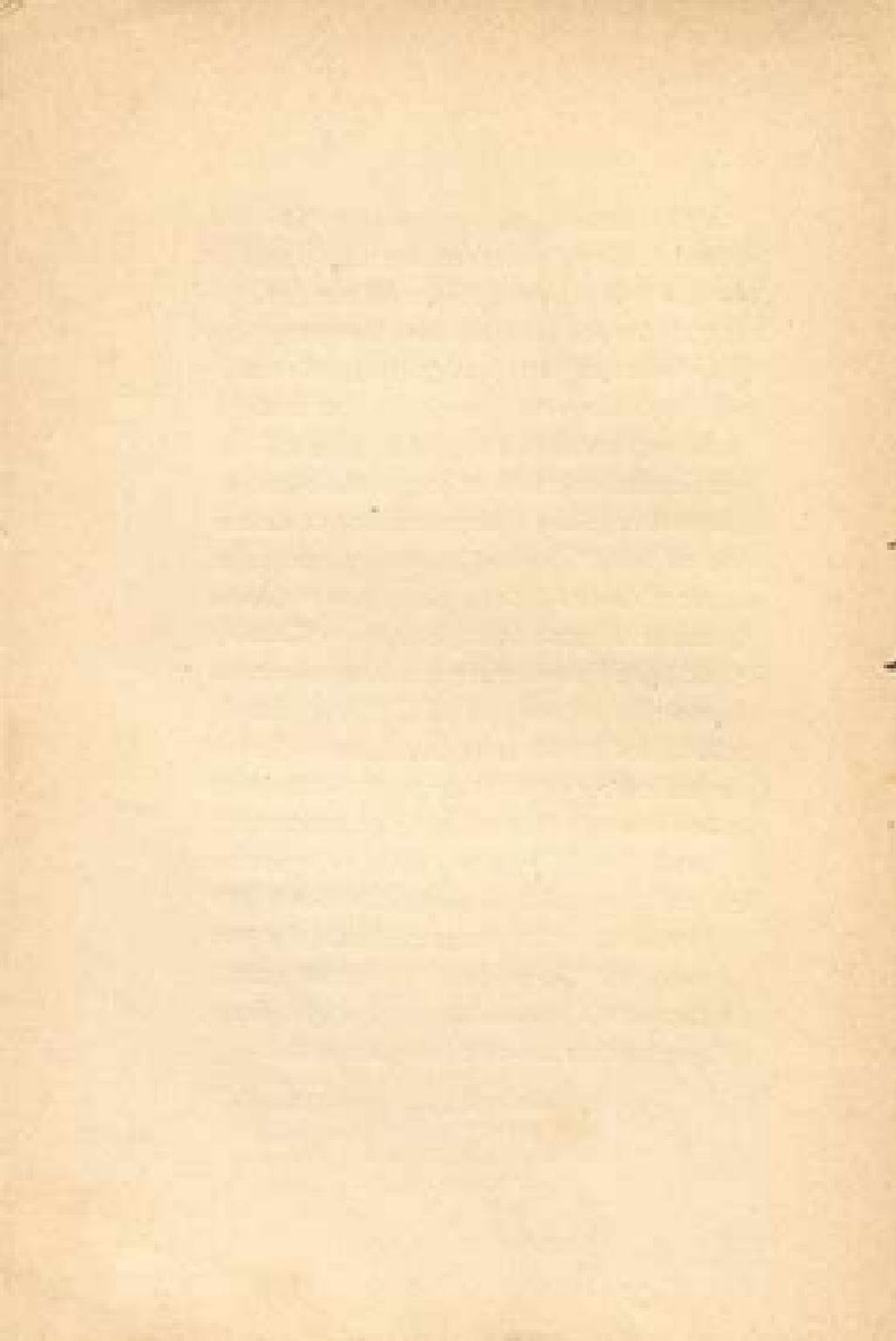
Por isso o poeta deixou aos intimos que ficaram o encargo de desmentirem a virulencia do *Fel* com a doçura e a suavidade do poema do seu amor».

Esqueceram-se, os intimos, cousa frequente de resto. Pois não disse Silva Pinto que pessoas gratas são as que esperam mais e não é realmente verdade que os mortos esquecem depressa?

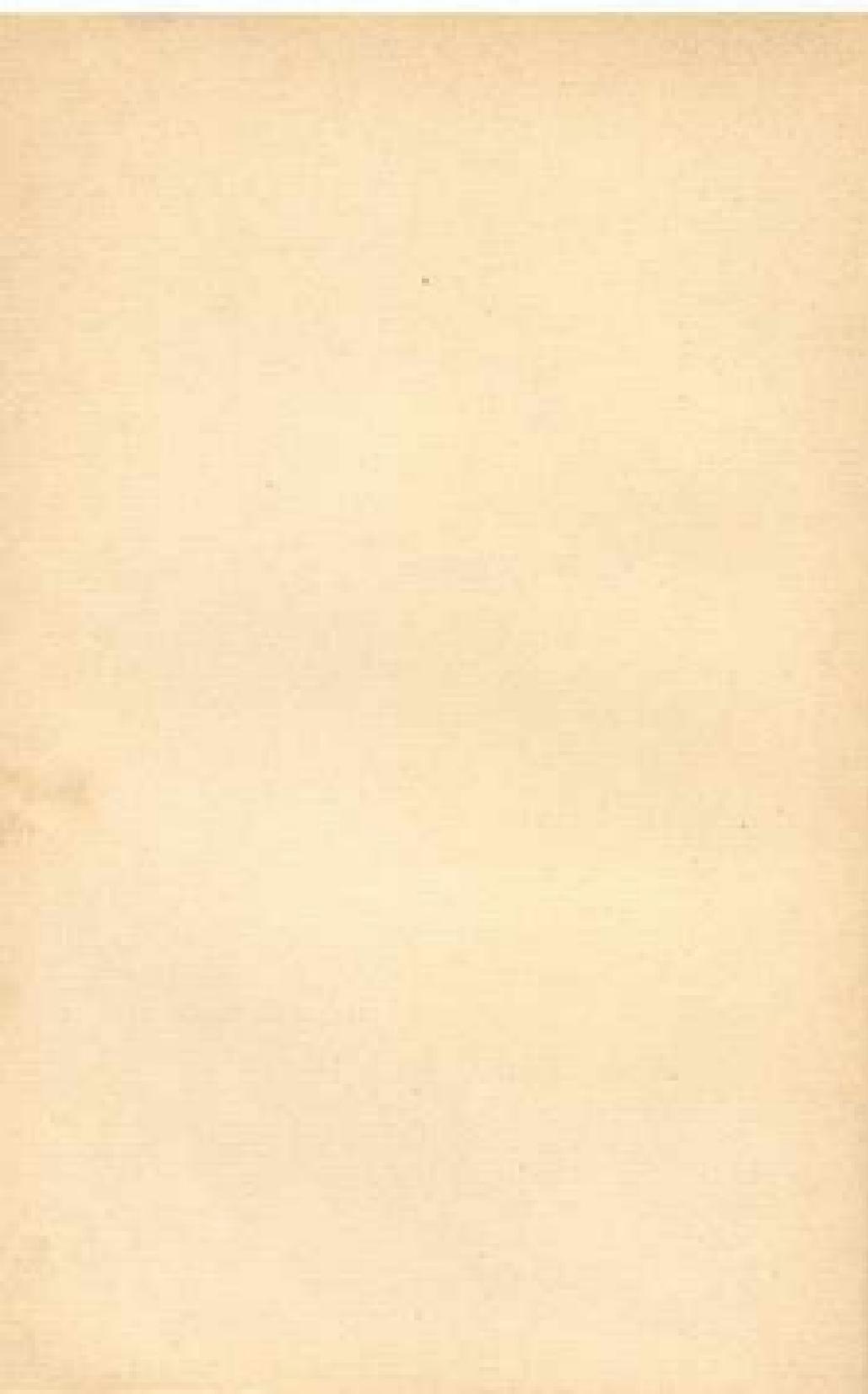
Eu não conheci José Duro em vida. Não velei nem manipulei o seu cadaver, não o acompanhei á última morada. Mas fui um dos raros que compraram o seu livro e se propuzeram arietar a indifferença egoísticada da turba para abrir uma clareira acolhedora onde o poeta apparecesse em todo o seu fulgor. A tarefa de abrir hoje esta edição, ainda a instancias minhas feita, é a sequencia logica de uns dois ou tres artigos na *Lucta* e da subscrição aberta no *Arco-Iris* para, cinco annos depois da morte de José Duro, quando a Camara Municipal íntima despejo aos mortos, piedosamente lhe recolher os ossos. Mas a subscrição faliu. Não deu para dois dias mandar tocar um cego e os ossos do poeta foram para onde é costume írem os ossos abandonados.

Terminou-se. O leitor que abra o livro e leia um dos maiores esquecidos que a Dôr fez desabrochar sob o ceu de Portugal e que foi a enterrar n'uma fria e chuvosa manhã de Janeiro. Já lá vão dezeseis annos, dezeseis espantosos annos de esquecimento.

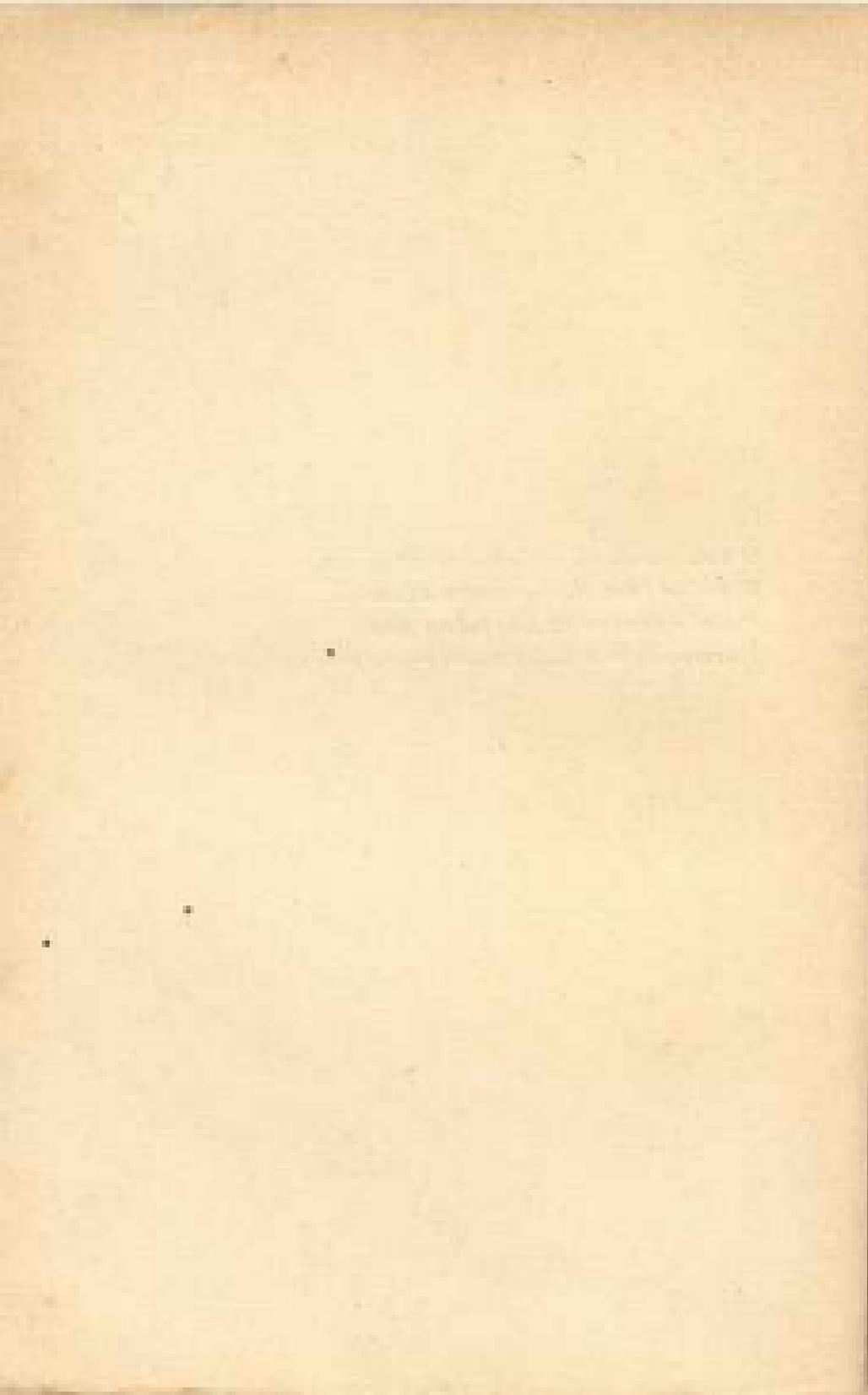
Albino Forjaz de Sampaio.



Ao José Cordeiro



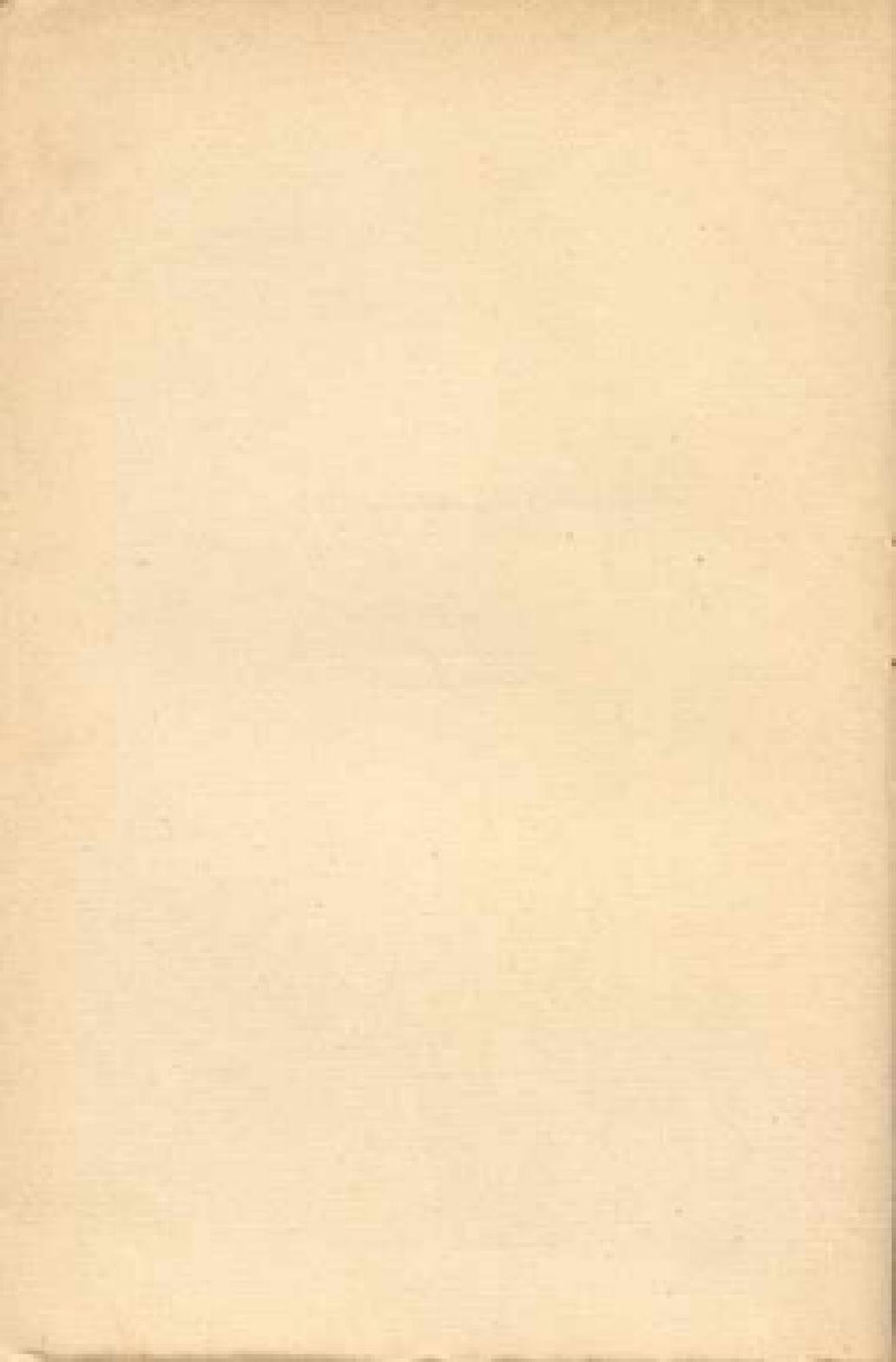
*O livro que ahí vai — obra d'um incoherente —
E' um livro brutal, e um poema a ésmo...
Pensei-o pela rua olhando toda a gente,
Escrevi-o no meu quarto olhando-me a mim mesmo...*



I

OS VERSOS DO MEU AMIGO

*A Joaquim Leitão
Lindorphe de Macedo
e José Veiga*



O meu amigo

Elle era um doído bom, um doído visionario,
Que andava quasi sempre d'olhos rasos d'agua,
E, ás vezes, costumava a soluçar, com magua,
A lenda original d'um Fado extraordinario...

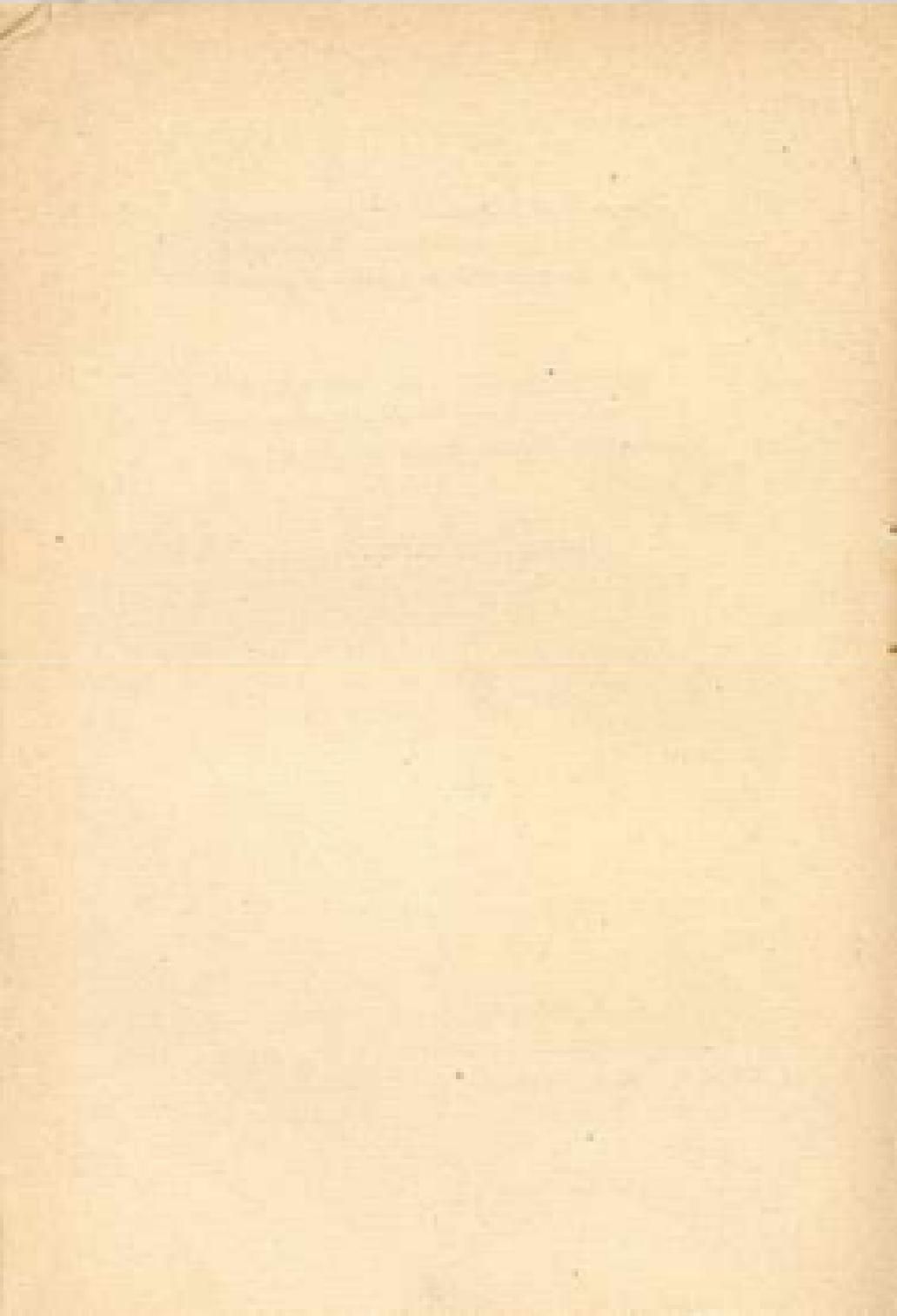
Entrava na taberna assim que anoitecia,
Bebia só absintho e nunca se fartava,
D'ahi, quem sabe lá se no absintho achava
Um meio de esquecer a dôr que o opprimia...

Amava a côr do lucto e odiava a côr do ouro,
E é certo, que deixou — estranho typo aquelle! —
Poemas de nevrose em que só punha Chôro...

E eu, que desejo ser o que ninguem deseja,
Julguei-me, por ventura, um doído como elle...
Que um doído já eu sou, embora não no seja!



POEMA D'UM DOIDO



Tedio

Ando ás vezes boçal e sinto-me incapaz
De encontrar uma rima ou produzir um verso ;
Fazendo de mim mesmo a ideia de um perverso
Capaz de apunhalar alguém á luz do gaz.

Incommoda-me a Cór, o sangue do Poente
— Waterloo rubro de que o sol é Bonaparte — ;
Não comprehendo Mulher, como inda posso amar-te,
Se tenho raiva, muita raiva a toda a gente.

'Té onde a vista alcança alargo o meu olhar,
E creio quanto existe uma nodoa escura
Que as lagrimas do Chôro hão de jámais lavar...

Estranha concepção! abranjo o mundo todo
E em cada estrella vejo a mesma lama impura,
E em cada bôcca rubra o mesmo impuro lôdo!



O meu riso

Bem de meus olhos, pobres olhos nunca enxutos,
Por onde corre a minha magua em brando rio,
Aonde vem pousar o teu olhar macio
Que tem o bom dulçor dos mais suaves fructos.

Quando o Coveiro, um dia, arremessar, sombrio,
O teu corpo gentil aos vermes resolutos,
De lá, da esphera azul dos astros impolutos,
Verás então, Mulher, verás como eu me rio...

Um riso contrafeito, uma ironia á tãa...
Linda Mulher honesta e fragil como um cicio...
Que eu não te quero a ti para noivar, perdõa

Porque o meu labio já beijou a Podridão,
Nas alcôvas do Mal, onde germina o Vicio,
Onde a Alma é um farrapo e o Amor uma traição.



O corvo

(Anthero e P(ê))

Quando o meu corvo, tremulo, doente,
— Como quem sofre aa minhas agonias
'Naquella noite veiu, amargamente,
Dizer-me, soluçando, que morrias,

Percebi-lhe no olhar as nostalgias
Da noite negra, sem luar, fremente
Aonde as suas azas luzidías
Tomaram côr mysteriosamente...

E á luz medrosa do candieiro exausto,
Bebendo a minha dôr 'num longo hausto,
Mais triste que o soluço das nortadas,

Analysei a magua de nós dois
Para vêr qual soffria mais... depois...
Céus ! Desatei, chorando, ás gargalhadas !



?

A Esculptura ideal — Aroma dos lilazes —,
Que á noite vem beijar-me a horas somnolentas,
Tem no mystico olhar scintilações sangrentas
E nos labios sem côr angustiadas phrases.

A mortalha de Noiva, em que o seu corpo esconde,
Vem laivada de terra e putridas gangrenas,
E na mirrada mão que já colheu verbenas,
Traz uma alma a chorar que trouxe não sei d'onde...

Ora eu tremo de vêr essa Visão dorida
Que me persegue sempre e me esphacela a vida
Como o Vento do Outono a debil flôr da haste.

Mas, por mais que lhe fuja, estreita-me nos braços,
E diz-me, 'numa voz da rigidez dos aços,
«Esta alma é a tua alma e eu sou quem tu amaste!»



Coveiro

Sonho que sou coveiro, e sinto os braços frageis
Quando pégo na enxada a rasgar um coval,
Ou quando tomo um craneo e analyso o frontal
D'esse carcere estreito em que houve sonhos ageis...

Entro no cemiterio a horas doloridas ;
E, á indecisa luz das claridades frouxas,
Arrasto o meu olhar pelas gangrenas rôxas
D'um corpo de Mulher a desfazer-se em vidas...

Um corpo esculptural, immaculado, inerme,
Entregue á seducção phantastica do Verme,
Que o desfigura, a rir, 'numa vertigem louca...

Um corpo que exhumei, allucinadamente,
Em ancias de remorso, em raivas de demente,
Para poder beijar-lhe a apodrecida bôcca!



Em busca...

Ponho os olhos em mim, como se olhasse um estranho,
E choro de me vêr tão outro, tão mudado...
Sem desvendar a causa, o intimo cuidado
Que soffro de meu mal — o mal de que provenho.

Já não sou aquelle Eu do tempo que é passado,
Pastor das illusões perdi o meu rebanho,
Não sei do meu amor, saude não na tenho,
E a vida sem saude é um soffrer dobrado.

A minha alma rasgou-m'a o tragico Desgosto
Nas silvas do Abandono, á hora do sol posto,
Quando o Azul começa a diluir-se em astros...

E á beira d'um caminho, até lá muito longe,
Como um mendigo só, como um sombrio monge,
Anda o meu coração em busca dos seus rastros...



O meu relógio

As palavras crueis que o meu relógio falla,
'Num gelido stertor, 'num intimo canção,
Lembram-me o gargalhar d'um mórbido palhaço
Que roubasse a ironia ao ventre d'uma valla...

Encontro um não sei quê na sua voz estranha,
Quando, por essa noite, a apunhalar-me o somno,
Me diz pausadamente: — «E's filho do Abandono,
Has de soffrer a vida até que a morte venha».

Mas gosto de o ouvir, e, ás vezes, tenho pena
Que a sua predicção, que tanto me envenena,
Perturbe a minha alcova apenas um instante...

Porque julgo *ver* 'nelle uma alma a soluçar
— Mercê do mau Destino —, a magua extravagante
Que soffre do seu mal por não poder chorar!



A caveira

Encontrei-a uma vez, a lívida caveira,
A rir, sinistramente, em doidas gargalhadas...
E pensei, 'nesse instante, ó almas torturadas!
Que ella seria em breve a minha companheira.

Depois vi, por meu mal, 'naquella ossada nua,
Que a Morte descarnara, em ancias, brutalmente,
A imagem do meu ser, gelada e inconsciente,
Bebendo a luz do sol e as lagrimas da lua...

E tive inða mais ódio a este viver tristonho
Que arrasto sem te vêr, eu que por ti vivia,
O' alma ða minha alma e sonho ðo meu sonho!

Entanto, começava o ðia a esmorecer...
E eu fui-me perguntar á Sombra, que ðescia,
Se acaso não seriam horas ðe eu morrer!



Prece

Ó Morte vai buscar a raiva abençoada
Com que matas o Mal e géras novos sêres...
O' Morte vai depressa, e traz'-m'a, se puêres,
Que eu canço de viver, quero voltar ao Nada.

Escorre-me da bôcca a voz que 'inda murmura,
Arranca-me do peito o coração exangue,
Que eu hei de dar-te, em troca, os restos do meu sangue,
Para o negro festim da tua fome escura...

O' santa que eu adoro, ó virgem d'olhar triste,
Bem-dita sejas tu, ó Morte inexoravel,
Pelo Mundo a chorar dèsde que o Mundo existe...

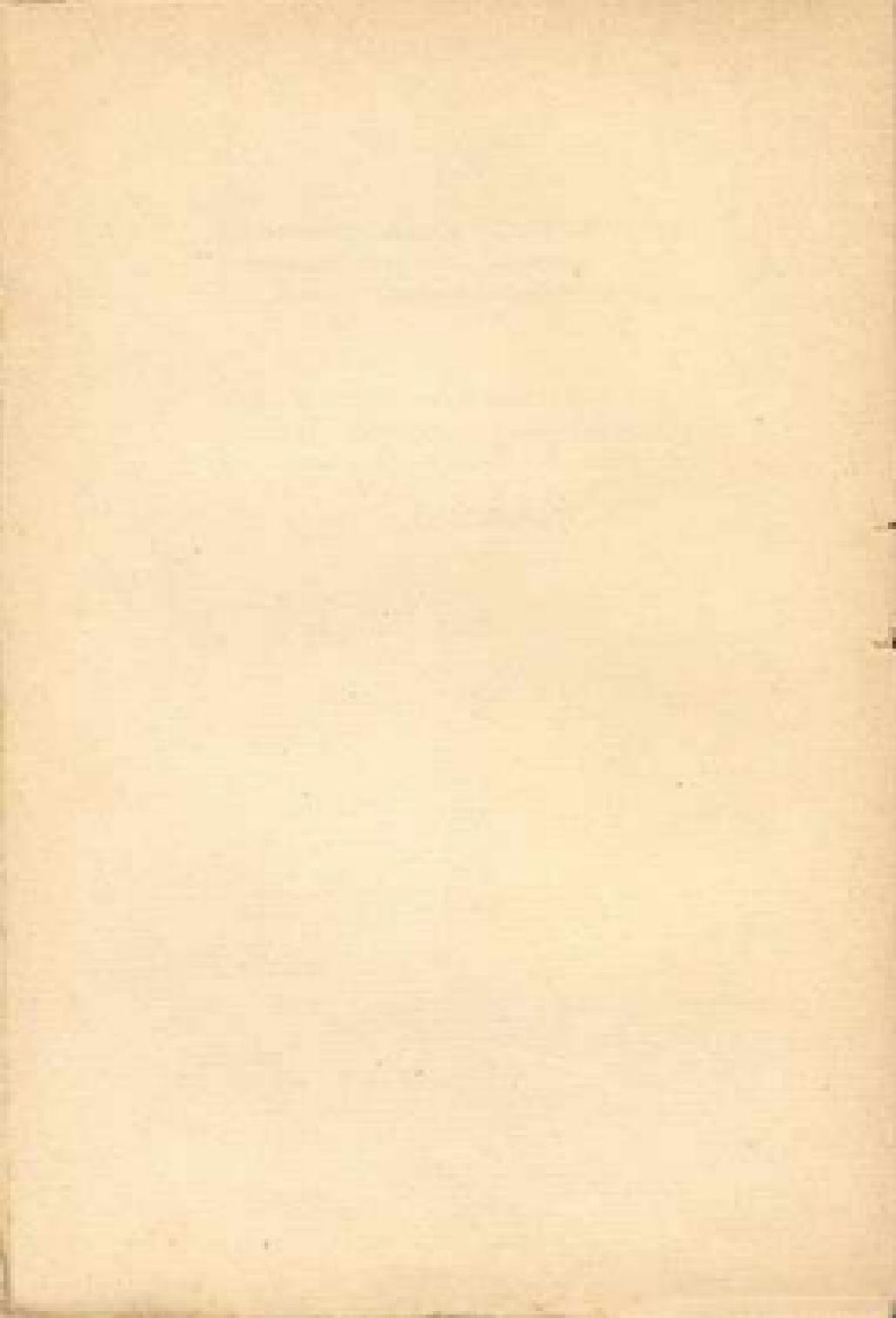
Dá me do teu licôr, quero beber a êsmo...
Que eu vivo no Abandono, e sou um miseravel
Aos tombos pela Vida em busca de mim mesmo !



II

CREPUSCULO

Ao José Barroso



Dôr suprema

Onde quer que ponho os olhos contristados
— Costumei-me a vêr o mal em toda a parte —
Não encontro nada que não vá magoar-te,
O' minha alma cega, irmã dos entrevados.

Sexta feira santa cheia de cuidados,
Livro d'Ezequiel. — Vontade de chorar-te...
E não ter um pranto, um só, para lavar-te
Das manchas do «Fel», filhas de mil peccados!...

Ai do que não chora porque se esqueceu
Como ha de chamar as lagrimas aos olhos
Na hora amargurada em que precisa d'ellas !

Mas é bem mais triste aquelle que olha o céu,
Em busca de Deus, que o livre dos abrolhos,
E só acha a luz das pallidas estrellas...



Mortos

Pódem-nos olhar, que não mettemos nojo,
Olhos dos que vivem, olhos dos que choram;
Pódem-nos olhar, que os astros, d'onde móram,
Olham o reptil e mais elle anda a rojo.

Orbitas sem olhos, lampadas sem luz,
Maxillas côr d'ambar, frias como o gêlo,
Faces descarnadas, craneos sem cabelo,
Fórmias onde a carne se desfez em pús.

Despiu-nos a terra os torax e o abdomen
E os diversos membros — o cadaver todo,
Porém continuamos sendo o mesmo lôdo,
Porque lôdo é tudo desde o Verme ao Homem.

Das bôccas sem labios sâe-nos uma trova,
Que é como um punhal esfarrapando a pelle ;
Carcassas boçaes, no Cemiterio-Hotel
Cada um de nós habita 'numa cova.

A deshoras, quando treme o arvoredo
E o Silencio esmaga as fortes Ventanias,
No baile macabro damos as mãos frias
E vamos dançar *cancans* que mettem medo.

E quem sabe lá, profunda Noite escura,
Se as voltas que damos são continuação
Das voltas que demos quando ainda não
Tinhamos descido á negra valla impura.

Ai quem sabe lá ! que a Vida é um enygma
Aonde entramos rindo sem pensar na vida.
Vale mais morrer, que a Morte é a saída
D'essa pena injusta, d'esse infame stygma.

D'esse immundo charco aonde apenas vemos
 A Dôr e a Angustia, o Desengano e a Febre,
 O oiro de um palacio é a fome de um casebre...
 Que para vêr males é que nós nascemos :

— «Mães vendendo as filhas d'estatura languie
 Pelas podridões das bacchanaes devassas,
 Onde o Vicio bebe, por lascivas taças,
 O veneno máu que nos estraga o sangue.

Corações são antros, peitos são covís,
 O Prazer, ó virgens, nunca foi Amor,
 É apenas gôzo o que vos turba a côr,
 É luxuria apenas o que vós sentis...

Cada riso encobre a magua de um pezar,
 Cada *sentimento* uma anciedade louca...
 E é para dar beijos que nós temos bôcca...
 Se Deus nos deu olhos são para chorar.

Cada peito encerra a seiva do Peccado,
 Os noivos, noivando, fogem de que os vejam,
 Onde havia rosas cardos só vicejam,
 O que era um jardim tornou-se um descampado.

Sob o céu azul e os astros de crystal
Não merecem nada as grandes alegrias,
Semeai venturas — nascem agonias ;
Procurai o Bem — encontrareis o Mal.

As almas dos bons, rutilas como estrêllas,
Almas sem defeito, a Noite é que as esmaga
Dando-as brutalmente á Ironia aziaga,
Que as perverte e morde ou escarnece d'ellas.

E as almas dos maus, feitas de lodo e tréva,
Vomitando o Mal, nutrindo-se do Bem,
Estupido sarcasmo ! a Noite é que as mantém !
Incrível cynismo ! o Dia é que as eleva !

Por isso a Canalha nunca se redime,
A Consciencia é tórva e a Razão sombria
Se lhes dão, em vez da luz de cada dia,
A Igreja o Dogma, a Sociedade o Crime.

Pobres arrastando os miseros andrajos
Por essas calçadas onde o Luxo medra,
Emquanto nos templos os perfis de pedra
Ostentam carissimos e inuteis trajos ;

De dia e de noite, pelo Mundo, a êsmo,
A Miséria chora a sua fome absurda
Sem achar um pão; e, 'numa raiva surda,
Enfezada e triste, odeia-se a si mesmo.

Corpos de creanças — lyrios 'num jardim —,
Ai dos astros d'oiro a scintillar no Escuro...
Corpos d'assassinos — larvas 'num monturo...
Tudo a mesma lama, o mesmo lôdo emfim!

Tragico mover de putridas gangrenas :
O Orgulho opprime o Igualitarismo,
O Direito cede o passo ao Despotismo,
E, ó Deus de bondade, é isto a Vida, apenas !—

Geração do Mal, pisamos só abrolhos,
Temos coração e não podemos vê-lo,
E lá quando o Verme principia a roê-lo,
Queremos olhá-lo e já não temos olhos.

Não se encontra mais o que uma vez se perde,
Não se vê a si o que por si existe,
Por isso é que nós não vemos a alma triste,
Olhos carcomidos da gangrena verde...

Mas não temos fome os que a tivemos d'antes,
Ha na nossa mēsa, á sombra d'um cypreste,
Um bom jantar, vinhos de sabor agreste,
Dôces saborosos, fructos enervantes...

Serve-nos a Morte e mais os Vermes agros,
Não se vê orgulho aqui; ora supponham:
Mulheres de dom e reis não se envergonham
De comer á mēsa com mendigos magros!

Etiquetas parvas, distincções banaes,
Fazem-nos rir quando nos lembramos d'ellas;
Não usamos flôr na casa das lapellas,
Mas geramos flôres d'aromas sepulchraes.

Dormimos em leitos frios como tumbas.
Feitos á enxada por algum velhinho...
— Camas de cadaver sem lençoes de linho,
Ai que bem se dorme 'nestas catacumbas!

E o tragico Sonho, o livido Poeta,
Conta-nos á noite vagas intuições,
Emquanto a alva Lua veste as solidões
Da morbida luz da sua vista inquieta.

.....

Nós tambem amámos, e quem ama affaga
Inda além da morte as maguas de quem ama...
Saudades d'amor, o Amor é viva chamma,
Que uma vez accesa nunca mais se apaga!

Deixámos a harpa das canções trementes
No celeste olhar das nossas Bem-Amadas,
E pelos balcões de rosas desmaiadas
Os beijos romanticos dos labios quentes.

Perdemos ao longe a rigidez dos nervos
E a fórma gentil dos vossos corpos frageis...
Quem podesse ouvir aquelles cantos ageis,
Falas d'essas bôccas, e tornar a vê-vois...

Donzellas honestas cujos olhos correm
Nos de quem amais, em doudas alegrias,
O Amor só beija as almas doentias,
E a Saudade abraça os corações que morrem.

O' moças leaes — Origens dos desejos,
Entre nós ha muitos que eram vossos noivos...
Vinde vêr as campas e deitar-lhes goivos,
Abraçar as cruzes e trazer-nos beijos!

Passaros da Noite, vagabundos, sós,
Vinde soluçar á beira dos covaes!
E' gelado o Vento... ouvi os nossos ais,
Almas da nossa alma, e orae a Deus por nós!

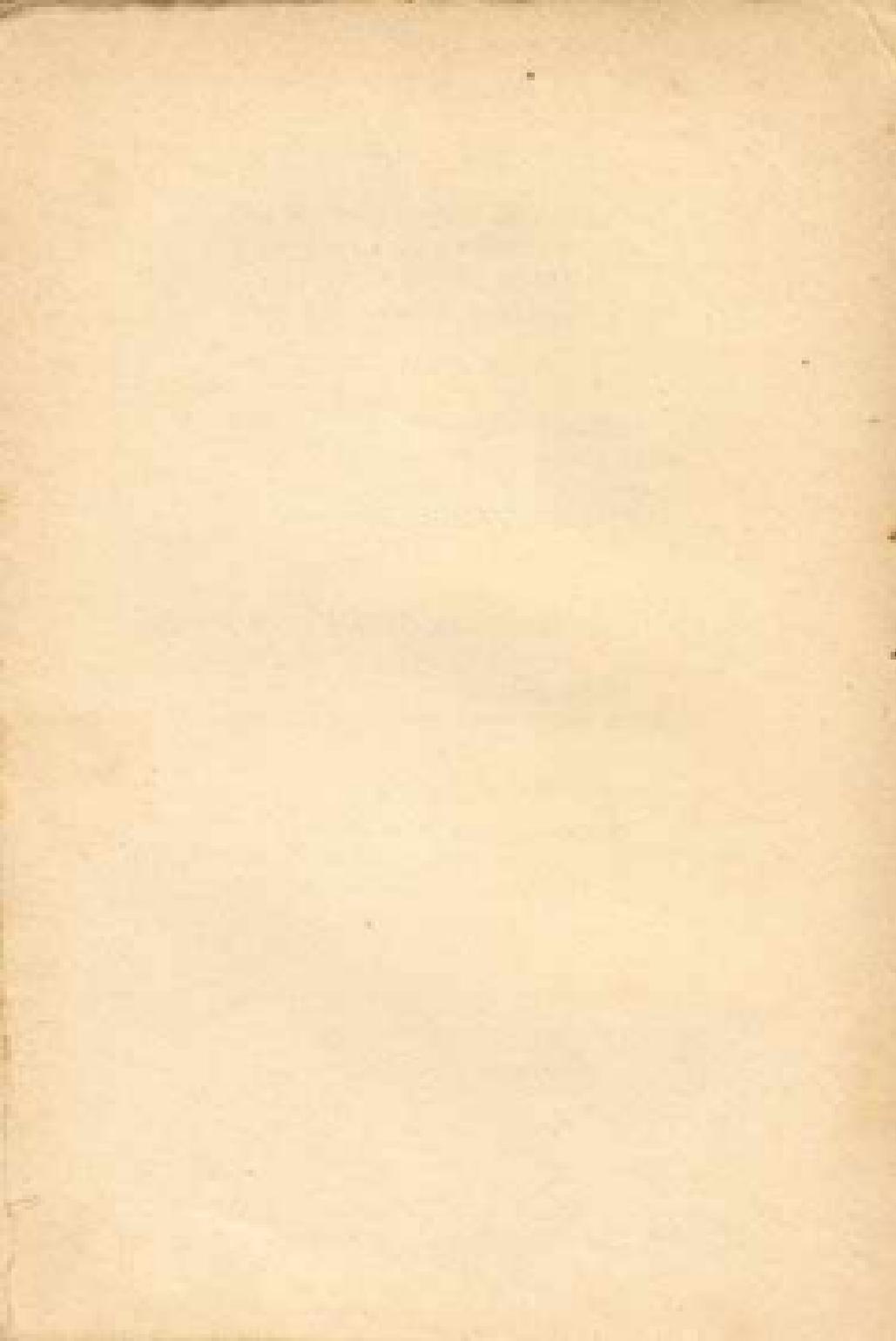
A crença é um Astro, para o *vêr* carece
A alma de sofrer e contemplar os céus:
Só a Desventura ensina a crêr em Deus,
E só Deus recebe a verdadeira prece!

.....
.....

II

LUA D'AGOSTO

— *Magdalena* —



Rustica

De cravos enfeitada a trança, e de rosas,
Vestido d'estamenha e rustico perfil,
Aquella que eu adoro é muito mais gentil,
Que, em vestes de brocado, as damas orgulhozas.

A mim enerva-me o ruído das cidades,
Apraz-me a solidão nostálgica dos montes,
E é meu enlévo contemplar as roseas frentes
Das raparigas sãs, que vivem nas herdades.

A alma adora a alma, a noiva adora o noivo,
Que lindas são d'ouvir as fallas namoradas,
A' beira dos casaes, debaixo das lafadas,
Onde floresce a rosa a namorar o goivo.

Noivados com amor no campo é que heis de vê-los,
Poetas, de quem sou, talvez, irmão bastardo,
E vós mulher's de tom que perfumais a narão
Os collos virginaes e as tranças dos cabêllos.

Quem me dera viver a vida das montanhas,
A minha mão d'artista arrotear os campos;
E por manhãs d'amor colher os fructos lampos,
Vestir-me de burel, de linho e d'estamenhas.

Em cada sulco estreito pôr uma semente,
Amaciar a terra a golpes do arado;
E ás horas do costume ir refrescar o gado,
Banhando o meu olhar na limpida corrente.

Cantar uma canção emquanto os bois lavrassem,
Namorar uma arvéola emquanto os bois rompessem,
Adormecer á noite emquanto me esquecessem,
Não me lembrar de mim, nem outros me lembrassem...

Ir descuidadamente á beira dos atalhos,
Colhendo, pelas silvas, rusticas amóras ;
Sem perceber a dôr das gemebundas nôras,
Beber em cada flôr a agua dos orvalhos.

Ouvir, na primavera, á hora do sol-posto,
O meigo rouxinol a gorgear endeixas,
Emquanto a viração brincasse nas madeixas
Das moças dos casaes, de linda côr de rôsto.

Os ninhos encontrar, occultos nos abrolhos,
A' sombra d'uma xara ou nas grosseiras fragoas ;
E os verdes salgueiraes, mirando-se nas aguas,
Olhando os seus perfis — elles que não têm olhos. . .

A' clara do luar, nos bailes das moçoilas,
Cantar á desgarrada os cantos populares ;
Amar, em vez da rosa, o cardo e as papoilas,
E o lyrio da montanha em vez dos nenufares.

Um dia, sem saber o que seria amor,
Ficar-me a contemplar teus olhos feiticeiros
Aonde estes meus olhos, como dois cordeiros
Iriam beber agua á hora do sol-pôr . . .

D'ahi em diante o meu olhar seguir-te os rastros,
— O' Noiva da minha alma, ó Rustica morena —,
Colher no teu canteiro os trêvos da Novena,
E lêr no teu olhar as orações dos astros...

Fallar ao malmequer no meu amor silvestre,
Aos milharaes confiar os meus segredos d'alma ;
Lembrar-me muita vez, 'numa saudade calma,
De quanto me ensinara o cura e mais o mestre.

Depois, um bello dia, o senhor padre João
Casar-nos na ermida em que te baptisaste ;
Unir-nos como a flôr está uniða á haste
E o coração ao peito e o peito ao coração.

Vivermos 'num casal, Mulher que me entonteces,
Como os paes de Jesus viviam em Belém ;
Amar-te só a ti, não querer a mais ninguém,
O meu retrato vêr nos filhos que me desses.

Filhos do nosso amor, ali por pé da porta,
— O coração liberto — á sombra dos arbustos,
Mostrando á luz do dia os braços nús, robustos,
Que haviam de amañhar os campos mais a horta.

E, á volta do trabalho, a meio do caminho,
Correrem para mim, qual d'elles mais ligeiro,
Contentes como o céu em noites de janeiro
E alegres como a ave á beira do seu ninho !

No tempo de ceifar, á alva da manhã,
Ao abalar p'r'ó campo a recolher o trigo,
Beijar-me honestamente esse teu labio amigo,
Deixando-me no labio aroma de romã .

Que santa vida a nossa, ó minha Noiva triste !
Que doce enlêvo este, ó meu Enlêvo doce
A vida assim vivida é como que se fôsse
O prologo do céu — se acaso o céu existe !

E quando o frio Inverno uivasse, nas devezas,
As maguas que soffreu por ignorados trilhos,
Ouvir a minha Avó contar aos nossos filhos
Novellas do Oriente e contos de princezas.

Sentir no coração a fé ingenua e mansa
De quem ignora o mal e sabe 'inda rezar . . .
Não ter odio a ninguem, e diante d'um Altar
Saber-me ajoelhar, ver-me outra vez creança . . .

Com toda a minha fé abençoar Maria,
E ser temente a Deus e crêr na sua graça . . .
Não ver por esse mundo apenas a desgraça,
Mas vêr também a luz que a todos allumia !

Que a vida que eu arrasto amargurada, incalma,
Enrouqueceu-me a voz e amorteceu-me a vista . . .
Tornou-me o que eu não era — um grande pessimista :
Mostrou-me tudo máu e ennegreceu-me a alma . . .

Ai quem me ðera a mim aquella vida rude,
Cavar a minha horta, apascentar os gados,
Viver do teu amor, liberto dos cuidados
Que me perdem a côr roubando-me a saúde !

Fugir a este luxo, a esta vida hiante
Aonde tudo é falso, estúpido, vulgar.
Ouvir o riso franco em vez do riso alvar,
E ter um bom amigo em cada semelhante !

.....
.....

Noivado estranho

Quizera amar-te muito, ó Gemea do Luar,
'Num sonho excepcional, só de caricias feito,
Abençoar o céu na luz do teu olhar,
E a alma adormecer na curva do teu peito,

Quizera amar-te sempre, ó Dôce como arminho
E casta como a pomba em seus arrulhos dôces...
E, em troca d'este amor, viver do teu carinho,
Que eu não vivia, não, Mulher, se tu não fosses!

Passar a vida inteira a vêr-me nos teus olhos,
Apenas ter ventura em vez de ter abrolhos,
Beber o teu sorriso, e as máguas esquecê-las...

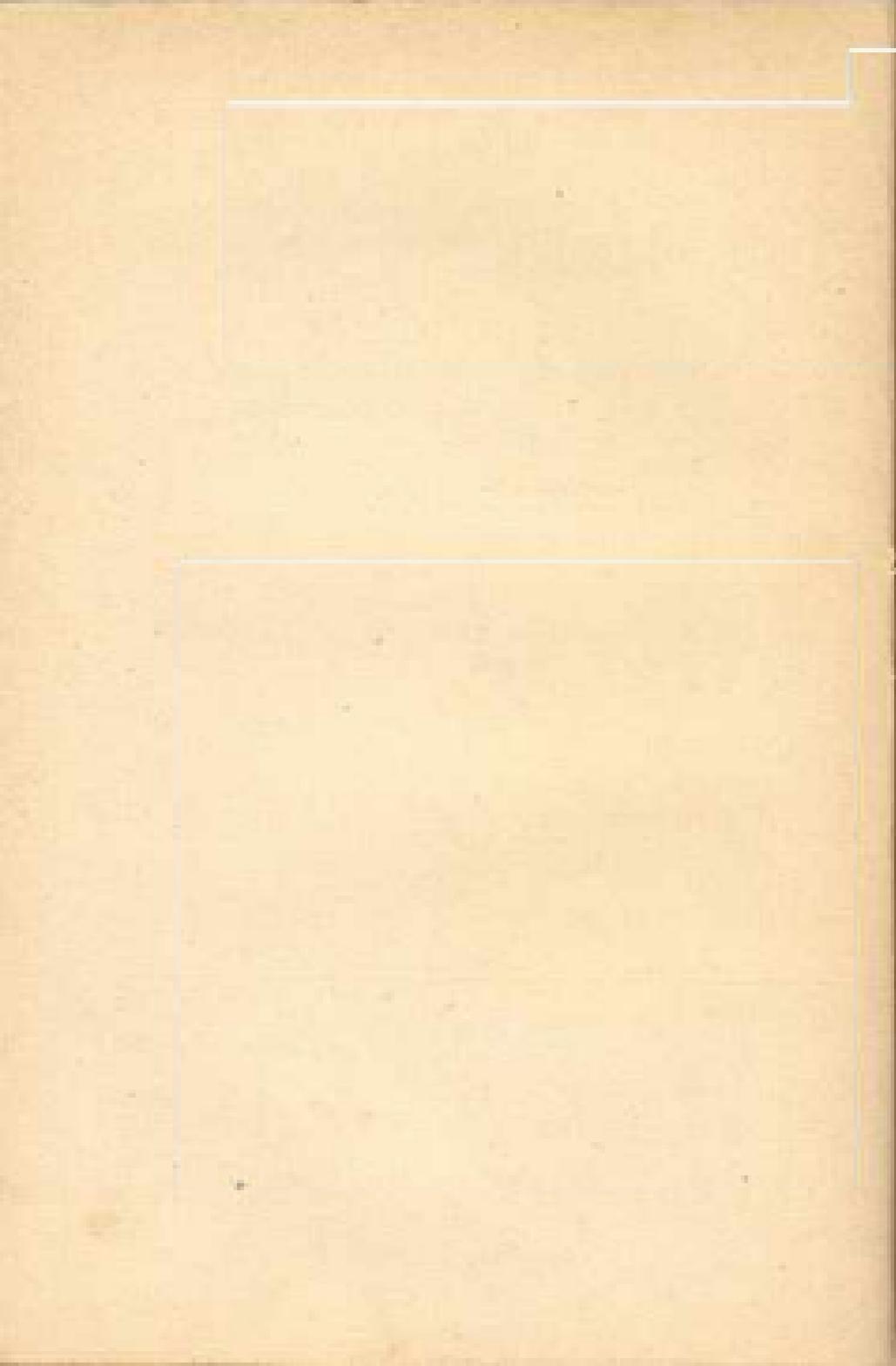
E quando a Morte viesse e nos levasse a ambos
Realisarmos então os desejados tambos,
Na Igreja do Além... em meio das estrelas.



IV

FLÔRES EXOTICAS

A Mayer Garção



Côres

Vermelho de papoila — o raio que ensanguenta
A mascara d'um céu nevrotico, de furia,
Os risos de Satan, os uivos da Tormenta
E os beijos da Mulher nascidos da luxuria...

Rôxo — o vinho que bebo, quando me appetece
Cair na suggestão provavel d'outras vidas...
O sangue de Jesus, manando-lhe das feridas,
E a miseravel dôr que tanto me entristece...

Azul — o céu aberto onde voejam todas
As almas virginaes... azul — o meu Desejo...
E ha de ser azul o véu das tuas bôdas,
Como é tambem azul o sonho em que eu te vejo...

O verde — a Podridão, as sêdas da floresta,
A carne putrefacta, as larvas inconscientes,
A tremula agonia exhausta dos Poentes,
O brilho da esmeralda e a esp'rança que nos resta...

Violeta — e é tanta a graça e a candura é tanta,
Que ainda que não houvesse a côr da violeta,
Iria adivinhá-la, ó casta Julieta,
Na luz espiritual do teu olhar de Santa !

O amarello — a Raiya, a Decepção, o Tédio,
O riso do meu labio, a côr do morto inerme,
O goivo entristecido, a Angustia sem remedio,
A macilenta Fome e o gargalhar do Verme...

Cinzeno — e gosto d'esta côr porque me enerva;
As cinzas fazem tudo igual a tudo o mais...
E é sob a cinza que adormece e se conserva
A raiva d'este amor que vós abendiçoaes...

Negro — o lucto, a viuvez, a côr da treva bruta,
A noite do remorso, o ventre d'uma valla...
E é na escuridão que se ouve mais a falla...
Quanto menos se vê muito melhor se escuta.

.....
.....

E, sem saber porque desconhecidas normas,
Na vaga symphonia hysterica das côres,
Descubro no que é branco a languidez das fórmas...
E vejo no que é rosa a morte dos amores!...



Alvissima

(ORAÇÃO)

Como a Noite, Senhor, é linda,
Com seus cabellos de luar...
Não chores mais, Lua bemvinda,
Que me fazes também chorar...

Sorrisos do luar d'uma Caveira ôca,
Sorrisos do luar enfeitando os brejos,
Sorrisos do luar a angelisar a bocca,
Sorrisos do luar onde escondi meus beijos...

Orações do luar dos lábios de nós ambos,
Orações do luar que os astros não resaram,
Orações do luar a consagrar os tambos,
Orações do luar, das almas que noivaram.

Cabellos do luar, aveiudados, frios,
Cabellos do luar em tranças latescentes
Cabellos do luar — alvissimas serpentes,
Cabellos do luar banhando-se nos rios...

Aromas do luar em revoadas francas,
Aromas do luar, a perfumar o céu...
Aromas do luar, somnambulos ao léu,
Aromas do luar, por noites todas brancas...

Brancuras do luar dispersas pelos montes...
Brancuras do luar — finos lençoes de gelo...
Brancuras do luar, olhae o setestrêllo,
Brancuras do luar, a namorar as fontes...

Velludos do luar tecidos por a Lua,
Velludos do luar, de lyrios e de rosas...
Velludos do luar, ó vestes preciosas,
Velludos do luar vestindo a Noite nua...

Tremulos do luar — litanias peregrinas,
Tremulos do luar, — ó harmonias cerulas,
Tremulos do luar, nas bôccas das asperulas,
Tremulos do luar, e labios das boninas...

Tristezas do luar caindo-nos no peito,
Tristezas do luar, como um dobrar profundo...
Tristezas do luar anesthesiando o Mundo,
Tristezas do luar, em lagrimas desfeito...

Lagrimas do luar da Lua aventureira,
Lagrimas do luar, da debil flôr dos linhos...
Lagrimas do luar da magua derradeira,
Lagrimas do luar, de moços e velinhos...

Saudades do luar, na rama dos cyprestes,
Saudades do luar, ha mochos a cantar...
Saudades do luar são almas a chorar,
Saudades do luar, as podriões agrestes...

.....
.....

«Velinhos corações a verter sangue e maguas,
Velinhos corações de mocidades negras,
Velinhos corações — doridas toutinegras,
Velinhos corações, aos tombos pelas fragoas :»

«Vamos todos pedir á Lua sacrosanta
— Na aspiração do Amor, na communhão do Bem,
Que o seu bemdito olhar, o seu olhar de Santa,
Nos abençõe agora e para sempre amen!»



A enterrar

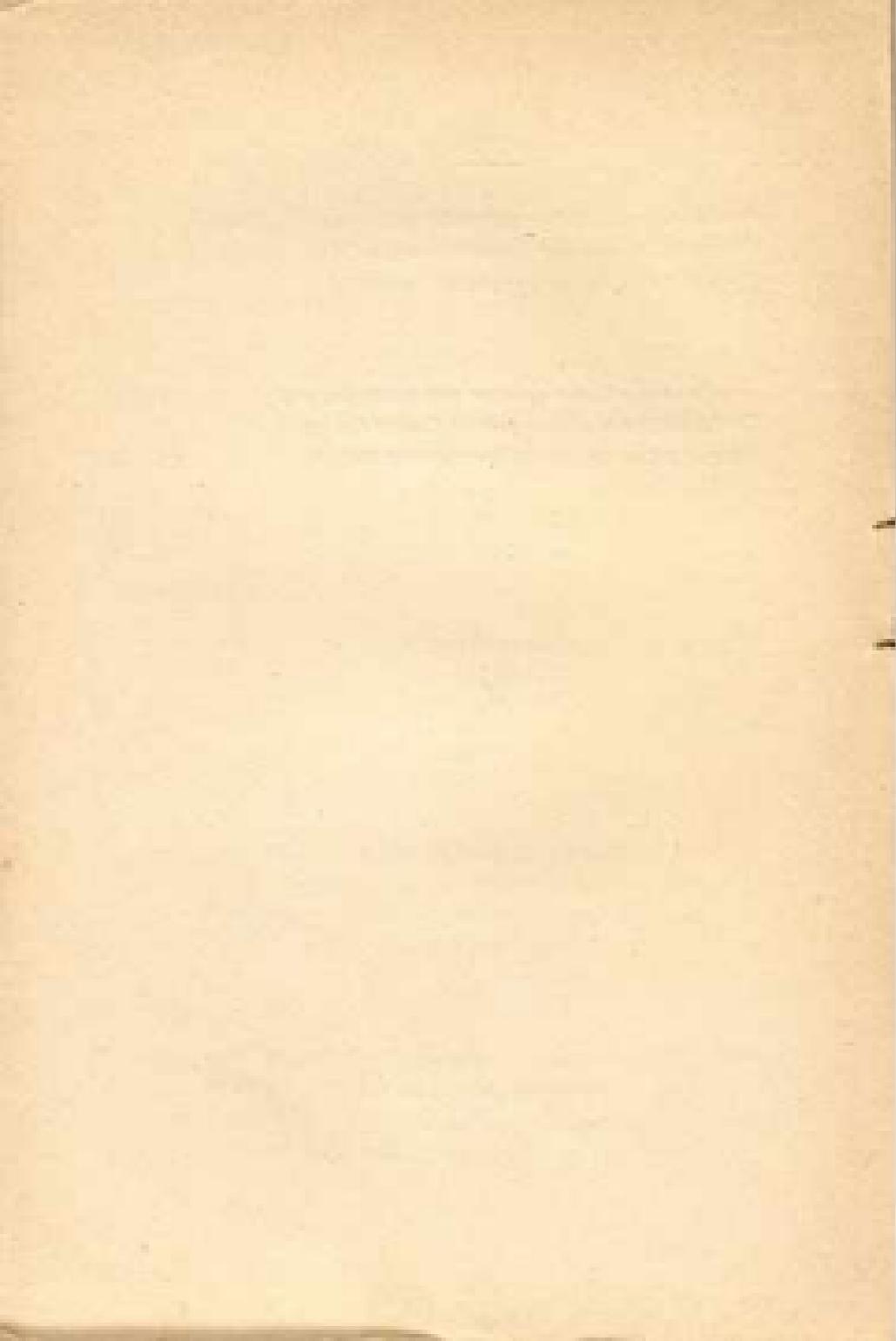
A Lua-nova do Senhor anda a boiar
Nas ondas calmas do mar cerulo dos astros...
Que é feito, Pescador, das velas e dos mastros
Da Lua-nova do branquissimo luar ?

Sem leme e sem pharol a barca anda a boiar...
Ai pobre Pescador de perolas e d'astros !
Aonde vais assim, sem velas e sem mastros,
Por essa noite negra, exhausta de luar ?

Aonde vais, aonde ? — E o velho Pescador
Olhou-me, n'um olhar em que tremia a Dôr,
E disse-me, soltando o reprezado pranto :

— «Eu levo a Lua a enterrar nas ðuras fragoas
Do indomado Mar — o grande Ossian das aguas,
Porque a Lua morreu de ter chorado tanto! . . »

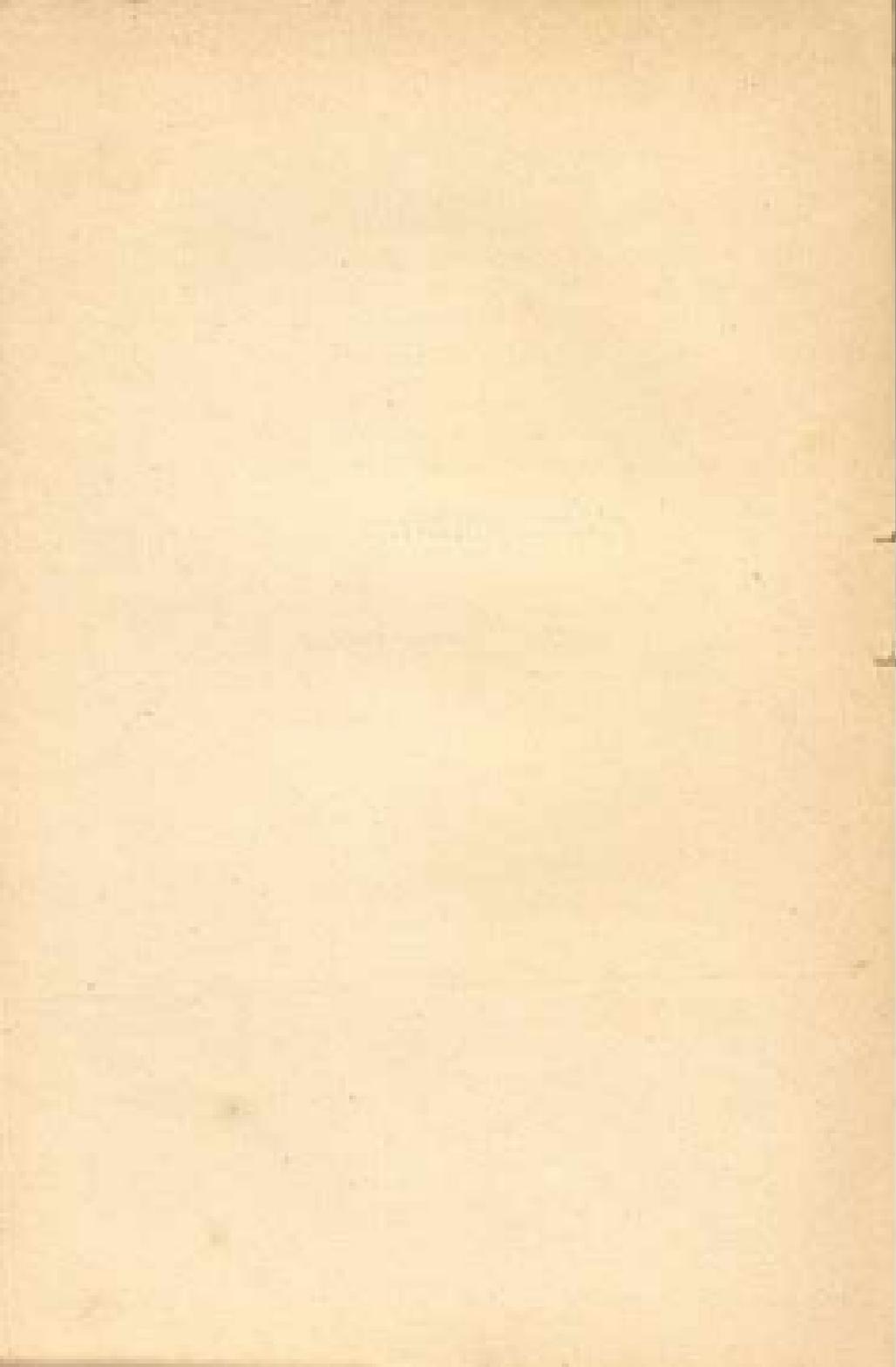




V

FLÔRES MALDITAS

A Ruy Ribeiro



Bacchantes

Mulheres de compra e venda, a praso e a contado,
Rameiras sem vergonha, impudicas bacchantes,
Por essas ruas fóra á cata dos amantes,
Mostrando o pé gentil e o corpo devassado.

Cabellos em bandós e pó d'arroz nas frontes,
Os brandos seios nús á orla dos decotes,
Ao mesmo tempo são megeras e *cocotes*,
Anemonas do valle e tribulo dos montes.

E algumas tinham *dom*, e nem sequer lhes lembra
O seu viver d'outr'ora ingenuamente doce...
O abandonado Lar em troca do Alcouce,
Que tudo lhes roubou o seu destino, emsembra.

Outras, de pé descalço e ancas virginaes,
Viviam vida frésca, alegre, descuidada,
Viviam como vive a loira Madruga da
Nos braços da Manhã, beijando os laranjaes...

Ou antes, no recato honesto da familia,
Dos varandins em flôr olhavam de relance,
Num feiticeiro olhar, o pagem do romance
Que a sua alma ideara em noites de vigilia...

Mas a canalha vil, infrene e assassina,
Que espreita a Virgindade e a lança no Monturo,
Mostrou-lhes côr de rosa o que era só escuro
E poz-lhe o corpo a nú como um cartaz d'esquina!

*

* *

Mulheres de compra e venda !

Eu sinto uns arripios

Quando olho para vós, e vejo o horrivel cahos
Da vida que arrastaes por esses antros maus
Onde não entra a luz, ó corpos doentios !

O corpos sensuaes de lubricos vexames,
A rescender perfume em contracções nervosas
E cujo peito branco a insultar as rosas,
Desperta em nós o gozo, e torna-nos infames !

O meu olhar entende o vosso olhar fatal,
Se bem que o meu Sentir, espavorido, fuja
D'esse perverso olhar, d'esse clarão que suja
As almas e envenena a Flôr do Ideal...

Que vós não tendes alma, apunhalou-a o Vicio
Nas scenas do Deboche, ás horas dos anceios...
D'ha muito que o Amor fugiu dos vossos seios,
E o vosso amor d'agora é um amor d'officio !

E' um amor d'orgia, estúpido, asqueroso,
Que arrasta a Mocidade á lama dos bordéis ;
Amor que se obtém por mais ou menos reis,
Conforme o vosso rosto é feio ou é formoso !

*

* *

Impudicas bacchantes :

Por toda a parte encontro a vossa graça espuria
No mesmo tom banal de gestos imprudentes.
Abrindo a suja bôcca em risos indecentes,
Para a fechar depois em beijos de luxúria !

O vosso ar illude, o vosso busto chama,
Escandalosamente, o vosso todo atráe...
Porém a seducção a breve trecho cáe,
Porque lhe falta a graça ingenua de quem ama ...

E, ou seja numa alcova ou seja num casebre,
O Vicio bestial, ó pallidas estatuas,
Depois de vos gozar numas caricias fatuas,
Concede-vos sómente as podridões e a febre.

Desenha-vos na face, escarra-vos na testa,
As rugas que colheu nas noites mal passadas.
E vai por essa vida a rir, ás gargalhadas,
Do livido desdem da rara gente honesta . .

Não pára um só momento, abrange o mundo inteiro
Numa voragem bruta, asperrima, sanguinea,
Por isso é que eu desci ao charco da ignominia
A vêr como se faz d'um astro um lamaceiro ..

E, ó prostitutas, sob os vossos espartilhos
Descubro as seducções de que os sentidos nutro . . .
E odiando a vossa carne, adoro o vosso utero,
Porque elle, sendo pôdre, é raro gerar filhos !



Margarida Gautier

Margarida Gautier, o teu amor assombra ;
Teu corpo é um bordel, mas a tua alma é chamma...
E a flôr também se dá n'um pantano de lama,
Como em qualquer jardim ou em qualquer alfombra.

Embraga-me o sol, mas gosto mais da sombra
Porque o sol não me escuta e a sombra é que me chama...
E eu que desprezo tudo, eu amo só quem ama,
Amo talvez a dor que o meu olhar ensombra...

Para que um astro brilhe é necessaria a noite ;
Porém, estrellas ha que antes que o sol se acoite,
Já ellas no azul desfolham malmequeres.

Assim o teu amor, extranhamente rara,
Rasgando a Podridão em pleno dia claro,
Mostrou que tinhas alma á alma das mulheres !



D. João

—
I

Porque o olhar nos mostra um rosto gracioso,
Tão facilmente como um rosto que detesta,
E' difficil amar uma mulher honesta
Que nos não morða logo a vibora do Gôzo.

As perfeições da Carne e as fórmãs da Materia
Influem sempre em nós, irresistivelmente ;
O amor só é amor quando é inconsequente,
Amando Julieta e desejando Impéria !

Deixai-os lá falar os pallidos Romeus

— As almas em abril, mais dôces que um adeus...

E os corações em flor, n'um sonho delicoso...

Deixai-os lá fallar... poetas de cordel...

— Num santuario honesto ou em qualquer bordel

O amor é simplesmente o prologo do gozo!



II

O que eu quero é olhar e vêr o que appetço,
Depois d'appetecer desejo possuir.
E tendo o que desejo logo me aborreço
E aborrecendo tudo vivo de sentir.

O meu prazer é bruto, em mim só ha desejos...
O que amo na Mulher não é immaculado...
Eu só lhe quero a Fórma e, quando saciado,
Desprezo-me a mim mesmo, enjoam-me os seus beijos...

Pedir pureza á Carne é insultar a Carne !
Que as almas, como as flôres, tambem se dão no marne
E a Lua tambem olha as podriões escurias...

E se é a Natureza a propria que nos leva
Das virtudes da Aurora aos peccados da Tréva,
Então bemdita seja a lama das luxurias!



Cego...

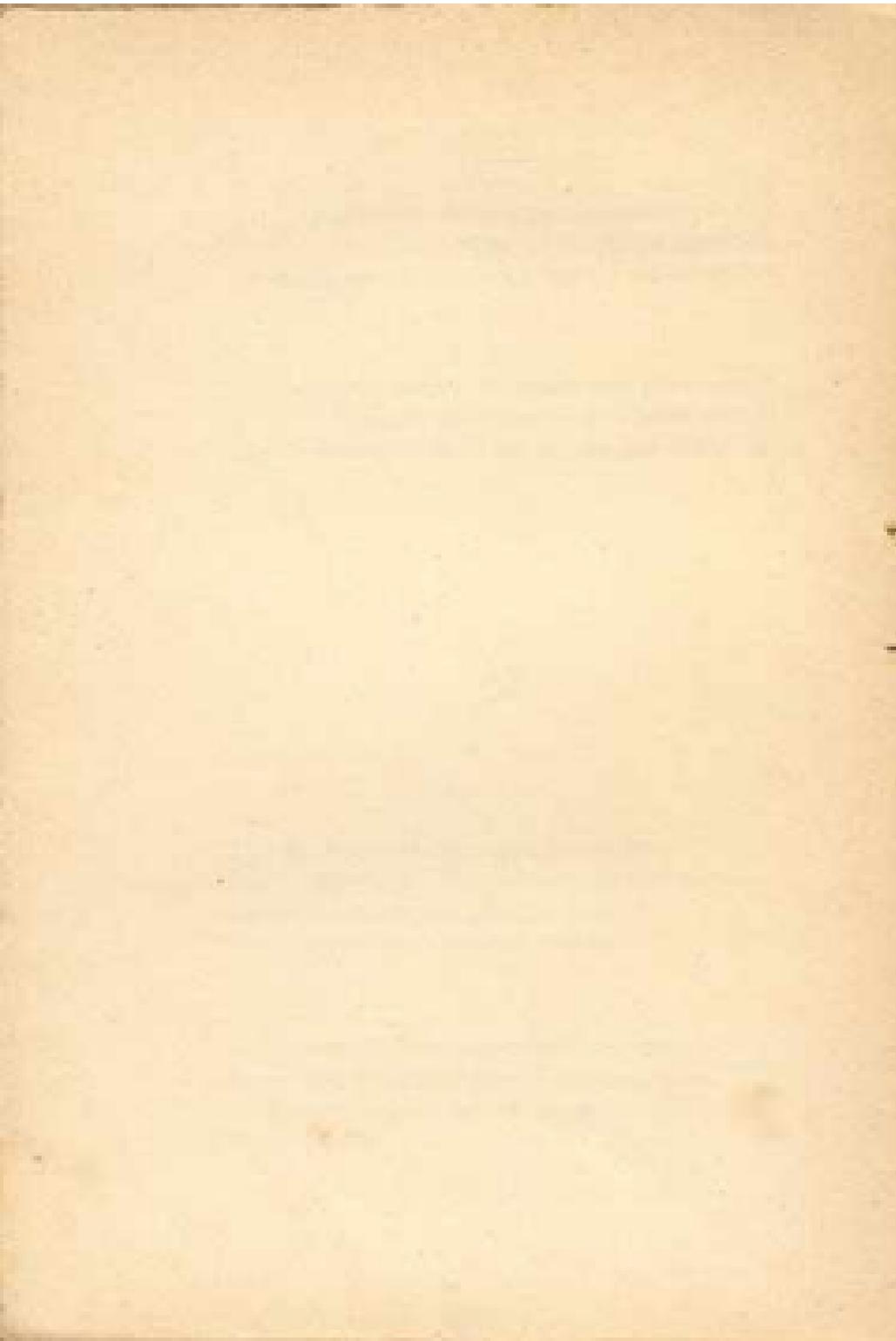
Eu hei de embebedar o coração um dia
E assassiná-lo a rir de encontro ao peito escuro...
Depois, cynicamente, ir pô-lo no Monturo,
Deixá-lo apodrecer ao sol e á ventania...

Hei de cegar o olhar, despedaçar-lhe a vista,
Porque não torne a vêr quem o despreza tanto.
Cisterna do Desgosto e Fonte do meu Pranto :
Ha de esmagar-te, sim, a minha mão d'artista...

Não quero coração, nem mesmo quero olhar;
Mas, cego, buscarei o teu amor alvar
— Veneno que me perde e nectar que me anima...

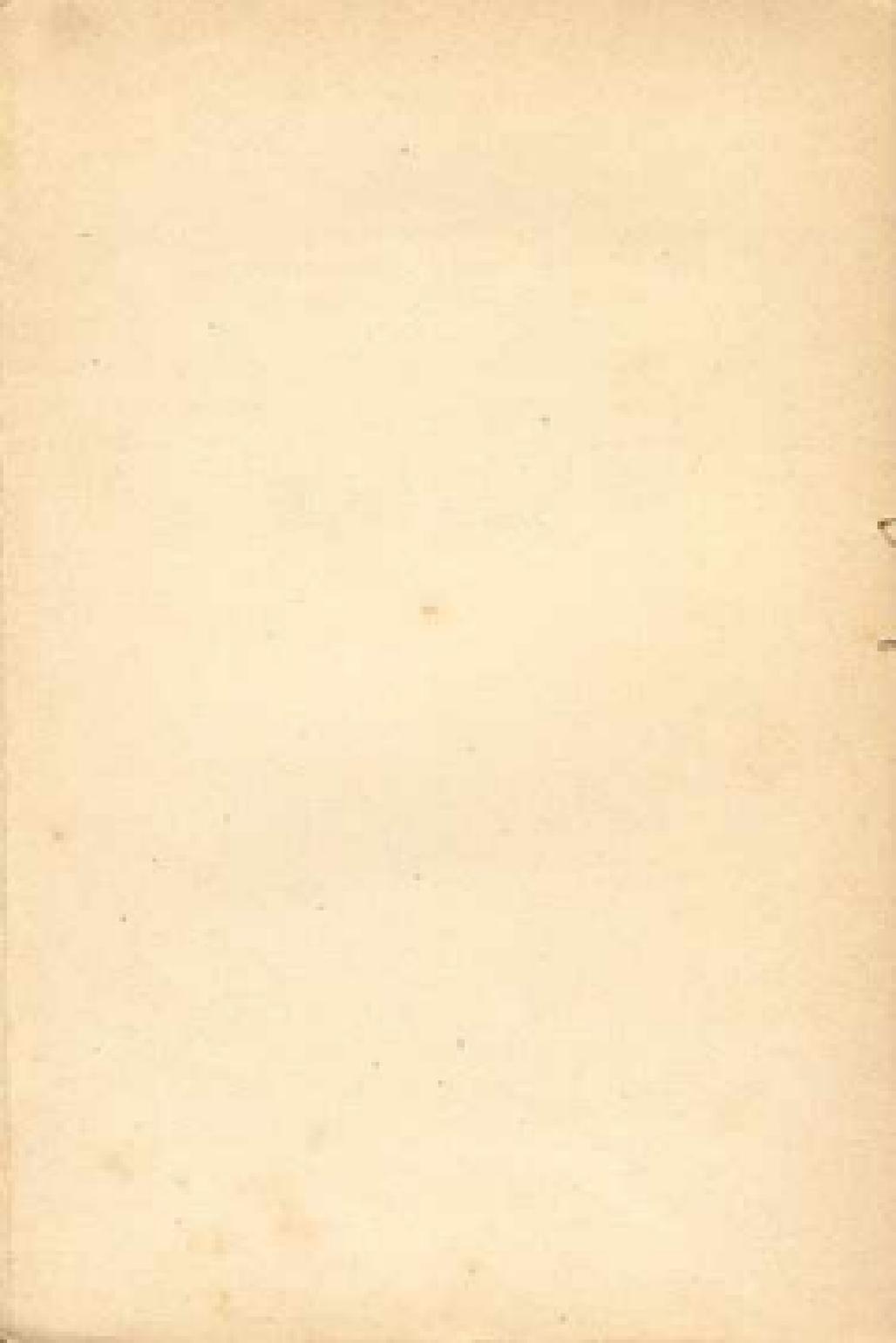
E, se acaso o encontrar, Mulher robusta e nova,
Ou seja numa valla ou seja numa alcova,
Hei de calcá-lo aos pés, hei de escarrar-lhe em cima!





VI

DOENTE



Doente

Quando o meu corpo, já sem vida, inerte
Lançado fôr á podridão do verme,
— Se elle é verme tambem, e o verme é pó—
Porque de todo o meu olhar eu cerre,
Pede, pede ao Coveiro que me enterre
Na cova mais humilde, ó minha Avó!

E screvo e choro ; dõe-me a alma ; tenho febre
Não sei a quantos graus — calor insupportavel ;
— Moderno Lazaro — ó que vida miseravel
Eu vivo aqui, doente e só, no meu casebre.

Agora compreendo a dôr de não ter Lar
E a dôr de viver só — desventura tamanha !
E' ser mais triste do que os cardos da montanha,
As urzes do caminho e as noites sem luar...

Meus tempos de creança! e fui fadado assim!
A minha Mocidade é como que um deserto;
Não creio que haja alguém que possa amar-me, emfim
E Deus, se Deus existe, odeia-me decerto...

Confesso que estou *prompto*, e, se me vejo ao espelho,
Descerra-se-me a bôcca em risos de desdem...
Imagem do que fui, — eu nunca fui ninguém —,
E, ó má fatalidade, encontro-me hoje um velho,

Cavou-me a Dôr na face as rugas do desgosto,
Meus olhos de chorar vão-se tornando cegos,
E quando os chamo, a vêr aquillo que dá gosto,
Escondem-se na treva assim como os morcegos.

Dilúe-se-me o pulmão e saí-me pela guela
A' força de tossir bastante enrouquecida,
E se 'inda vivo assim é porque a minha vida,
Amarga como é não posso dispôr d'ella.

Porque a verdade é esta : a vida que se arrasta
Do Nada até á flôr, do verme até á pedra,
E' sempre a mesma vida incommoda, nefasta...
Que a Dôr do Universo em toda a parte medra.

Assim, talvez um dia eu, que prefiro a Lua
A tudo quanto é bom, a tudo quanto é são,
Me torne por destino em pedra d'uma rua,
Que a multidão acalque, a doída multidão.

Talvez eu venha a ser a flôr d'um cemiterio,
A estrella do Azul, a areia do Oceano ;
A Vida não tem fim como o Destino humano,
E, se o Não-sêr é tudo, o Nada é um Mysterio.

E eu que era, noutro tempo, energico, robusto,
Quando no meu jardim floriam as roseiras,
Padeço horrivelmente, já respiro a custo,
E a minha tosse lembra a reza das caveiras...

Quem sabe lá ! talvez nas grutas do meu Sêr
A Morte agora esteja abrindo algum jazigo...
E os vermes por desgraça escutem o que eu digo,
Vivendo dentro em mim sem eu os perceber.

Que negro mal o meu! estou cada vez mais rouco!
Fogem de mim com asco as virgens d'olhar calido...
E os velhos, quando passo, vendo-me tão pallido,
Commentam entre si: — coitado, está por pouco!...

Por isso tenho odio a quem tiver saude,
Por isso tenho raiva a quem viver ditoso,
E, odiando toda a gente, eu amo o tuberculoso,
E só estou contente ouvindo um alaude.

Cada vez que me estudo encontro-me diferente,
Quando olham para mim é certo que estremeço;
E vai, pensando bem, sou, como toda a gente,
O contrario talvez d'aquillo que pareço...

Espirito irrequieto, phantasia ardente,
Adoro como Poë as doidas criações,
E se não bebo absinthe é porque estou doente,
Que eu tenho como elle horror ás multiões.

E amando douadamente as formas incompletas
Que ás vezes não consigo, enfim, realisar,
Eu sinto-me banal ao pé dos mais poetas,
E, achando-me incapaz, deixo de trabalhar...

São filhos do meu tédio e d'uma dôr qualquer
Meus sonhos de nevrose horrivelmente hystericos . . .
Como as larvas ruins dos corpos cadavericos,
Ou como a aspiração de Charies Beaudelaire.

Apraz-me o symbolismo ingenito das coisas . . .
E aos labios da Mulher, a desfazer-se em beijos,
Prefiro os labios máus das negregadas loisas,
Abrindo num anceiar de morbidos desejos.

E é em vão que medito e é em vão que sonho !
Meu coração morreu, minha alma é quasi morta . . .
Já sinto emmurcheçar no cranco a flôr do Sonho,
E oiço a Morte bater, sinistra, á minha porta . . .

Estou farto de soffrer, o soffrimento cança,
E, por maior desgraça e por maior tormento,
Chego a julgar que tenho — estúpida lembrança —
Uma alma de poeta e um pouco de talento !

A doença que me mata é moral e physica !
De que me serve a mim agora ter esperanças,
Se eu não posso beljar as tremulas creanças,
Porque ao meu labio afflue o toxico da tysica ?

E morro assim tão novo ! Ainda não ha um mez,
Perguntei ao Doutor : — Então ?... — Hei de curá-lo...
Porém já não me importo, é bom morrer, deixá-lo !
Que morrer — é dormir . . . dormir . . . sonhar talvez . . .

Por isso irei sonhar debaixo d'um cypreste,
Alheio á seducção dos ideaes perversos . . .
O poeta nunca morre embora seja agreste
A sua aspiração e tristes os seus versos !

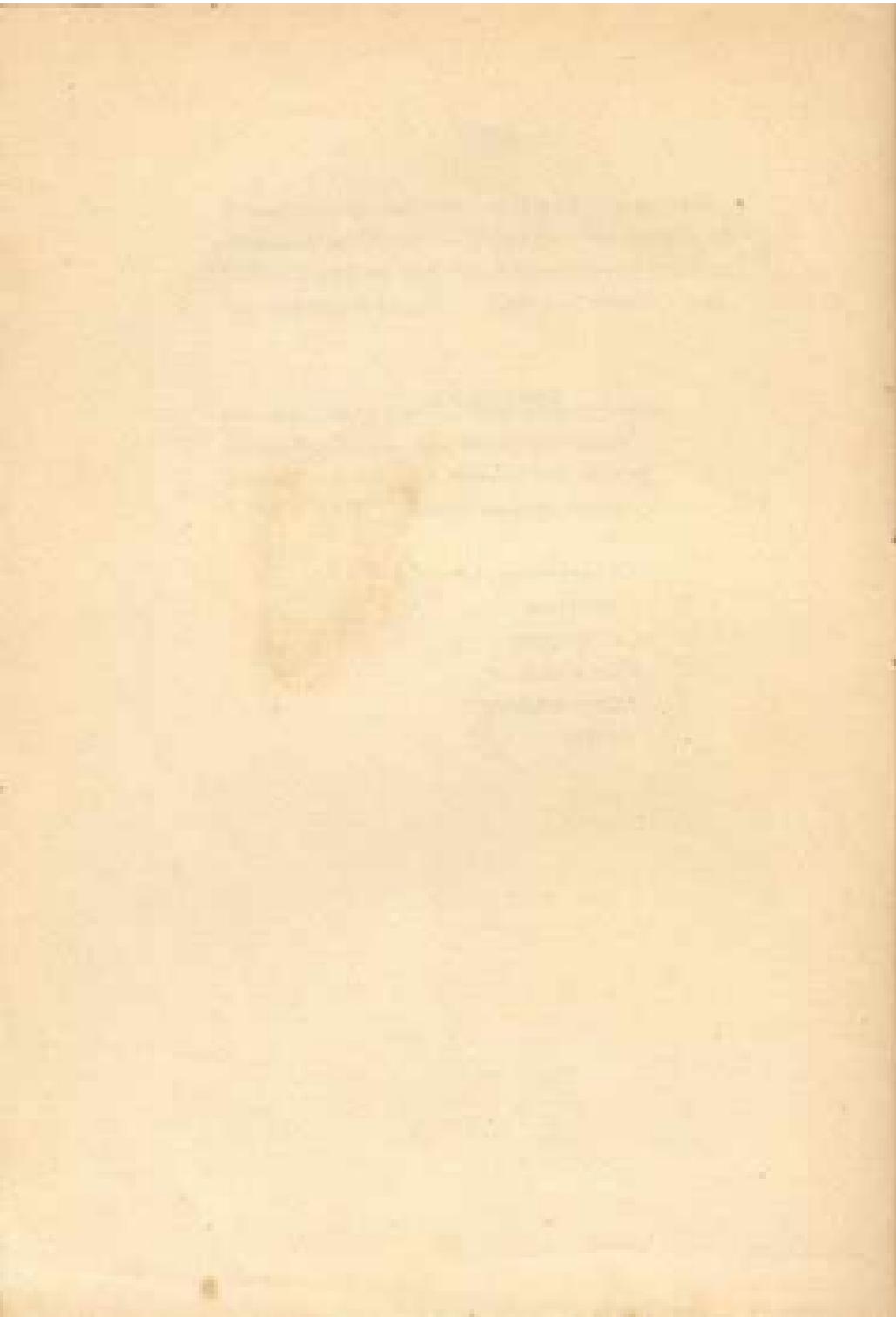


INDICE

FEL

- I — Os versos do meu amigo
- II — Crepusculo
- III — Lua d'agosto
- IV — Flôres exoicas
- V — Flôres malditas
- VI — Doente

Palmares
M. Imp.
1907



José Duro

Faz hoje seis annos que elle, o poeta, morreu ; e, recordando-o, ahi fica essa meia duzia de linhas traçadas n'uma amarga hora de saudade :

Atravessava lentamente a cidade ruidosa, como um bocejo em meio d'uma festa, uma berlinda conduzindo um morto á paz do tumulo. Tres seges acompanhavam a miseravel pompa funebre, e sob a mortalha do sol que alastrava a sua gloria no céo, a minha curiosidade alvoroçou o meu tedio.

N'uma curva de estrada o prestito ganhou pressa, como se o cadaver, dentro do caixão, gritasse a sua ancia de repouso.

Havia rumores lentos nos troncos, ultimos arrulhos nos beiraeas, e os que passavam compunham um riso, como quem afixella uma ironica mascara de felicidade. Só o morto, áquella hora, livido e gelado, proclamava a sua resignada indifferença, a ternura desdenhosa, a fé abençoada, a ultima estrophe do seu martyrio que o silencio da valla iria apodrecer.

E como de dentro d'um trem alguém me acenasse, perguntei :

— Quem morreu ?

A voz compungida respondeu-me :

— O José Duro.

Era um poeta que ia a enterrar por aquella manhã de inverno, quando as arvores se desfolhavam e o nosso coração estremecia de dor unicamente.

De subito, passou ante os meus olhos tristes todo o poema longo da sua desgraça, o naufragio da espe-

rança, o desmoroamento do lar, alguém perdido na enxurrada do vício, a ruína, a tísica — a sua única e fiel amante — as nupcias posthumas, o descanso eterno.

E deve-se, ao egoísmo ambicioso de nós todos aquella anniquilação, o abandono derradeiro em que o deixámos; surpreheñde, como a historia d'um grande crime, o esquecimento dos seus versos. . . A poesia de José Duro diverge da dos lyrios enternecidos da sua epocha: não tem o humorismo bohemio de Alfredo Pinto, nem o doloroso presagio de Antonio Nobre, nem o idyllico perfume de Hamilton de Araujo (como a minh'alma, romeira, vae desfolhando saudades á beira dos covaes), nem o desespero convencional d'essa leva de idealistas agora soltando maguas e desafiando a mocidade que lhes vae alvorecendo nas almas.

O pessoalismo artistico do grande amargurado, as paginas do *Fel* — o seu unico livro, revisto na agonia — são gritos entrecortados de raiva, que mal o espectro da morte proxima — que Duro previa — surge, se trasmudam em resignação e em lagrimas.

Não ha na melancholica poesia portugueza um documento de tão perturbadora angustia, de tão venenosa, contagiosa dor, como o *Doente*, nem na cachexia senil dos trovadores romanticos, nem nos *pasa calles* d'alguns dos amorosos actuaes, á parte entre todos a biblia de Anthero do Quental, que não pede confrontos e obriga á piedosa, excepcional adoração.

Claro que o meu impressionismo não restringe processos, nem desdenha da ingenua lamuria historica do *D. Jayme* ou da alta expressão lyrica dos psalms do *Campo de flôres*, livros que as gerações recolherão como veneradas cinzas d'épochas extinctas.

Se bem que João de Deus, mais que nenhum outro, representará amanhã, como hoje, o fatalismo passional, ethnico d'uma raça, cuja auto-biographia fica adstricta aos trechos simples e supplices d'aquelle cancionero.

*

José Duro nas *Flôres malditas* canta as *Bacchantes* n'uma impiedade lastimosa, sem o tom de supplica christã que João de Barros prefere na *Canção das mulheres perdidas*.

Juntos os poetas (um já no mysterio tenebroso da

tumba, outro na alegria esplendente da vida — e que a Felicidade lhe não entenebreça nunca o olhar esplendido), porque ambos se irmanam pelo timbre desdenhoso das estrophes. Em Duro, conspurcadas de odio pelo destino que o trazia expulso da paixão, em João de Barros, pela moralidade philosophica da educação recebida. E d'ahi a expressão ganhar sempre em Duro o aspecto d'uma chaga, o pessimismo triste dos cantares florir como a urze n'um recosto de monte, sem um raio quente de sol a abençoal-a, sem a caricia frustre d'uma aza a dar-lhe sombra, sem a limpiça transparencia murmura d'uma levada para a tornar viridente.

Duro é o poeta do sentimento tornado bolor, da magua feita em fel, da esperança vivida em pavor, da supplica ardendo raiva, da flôr venenosa, do beijo impuro; poeta de catastrophe, da paixão-desgraça, da nostalgia-desespero.

A calamidade da sua vida, juventude sem auroras, a labareda do sonho que lhe crestou todos os sorrisos á hora candida e ingenua de trinal-os, a revolta que o tornaria um suicida, o embuste grosseiro de todos os triumphadores mediocres, a ventura physica dos cretinos, foram os factores concorrentes do seu pathologico mal de viver — rajada de febre accordando o instincto de animal bravo que todos temos dormente na sobreviva cellula ancestral.

E assim todas as phases do *Fel* guardarem um fundo desolador de incendio, de harmonia rouca, sem dolencias de oração ou mysticismos de crença; assim o serem todas as trovas como o estertor de um agonisante lutando contra a ressaca do Infortunio, té o momento solemne da partida, em que o perdão brota da inutilidade-desforra e em que o descanso eterno sorri como caricia nova.

E, d'esse periodo ultimo, olhos baços chorando humildades de reconhecido, bocca abençoando todas as biasfemias humanas, na grande hora da consolação final, que Duro escreveu o *Doente*, onde ha gritos já suffocados, lagrimas crystallisadas, gestos adormecidos e como que varados no momento imperceptivel da morte — a grande iniciadora.

Agora comprehendo a dôr de não ter lar...
 Já sinto emmurcheçar no craneo a flôr do Sonho,
 E oiço a Morte bater sinistra á minha porta...

E lá ficou, por uma manhã triste de sol, na valla commum dos desherdados e dos esquecidos, esse grande poeta do soffrimento; sem rosas que lhe fallassem da nossa saudade, nem lagrimas que lhe dissessem o nosso amor. A sua carcassa ficou entregue aos disvellos maternas da terra, como a sua alma quedou surpresa vivendo nas paginas dolorosas do seu livro.

*

Vejo-o ainda n'um recanto de *brasserie* olhando a grotesca comedia da rua. Aquelle ultimo dia de revisão de provas, em que fugia de desvendar o manuscrito, tendo-o apenas mostrado n'uma ephemera hora, rara de expansão, a um intimo; vejo-o ainda. Fallacíamos e despedimo-nos:

— Até amanhã?

Sorriu, não sei se um riso, se uma lagrima, porque diz Musset — *c'est qu'on pleure en riant*, encolheu os hombros e, n'uma voz debil, respondeu-me:

— ... Talvez.

E nunca mais voltou.

Santos Tavares.

In. *Dia*, 18 Janeiro 1905.



OS ESQUECIDOS

José Duro

Uma tarde, ha perto de dezeseis annos, alguém me disse :

— Tens ouvido fallar no José Duro ?

— Não.

— Pois é um poeta, e um poeta de merecimento. Coitado. Está tuberculoso no ultimo grau, e, se o não sabe, suspeita-o. Mas quer publicar um livro de versos, que certamente será o primeiro e o ultimo. E deseja ler-te esse livro. Quando ha de ser ?

— Quando elle quizer.

No dia seguinte encontrei-me com José Duro, na cervejaria do Gelo. Não esquecerei nunca a febre que reluzia nos olhos d'aquelle rapaz, em cujas faces se descortinavam já os estigmas da morte proxima. Sentámo-nos a uma mesa, e com voz rouca, durante longo tempo, eu ouvi a leitura do seu manuscripto, entoada com extranha paixão. Os creados perpassavam, servindo freguezes, aquella hora ainda raros, e, a essa mesa banal de café, eu assistia ao desenrolar das imagens, escutava a musica dos rithmos, via desfilar as visões d'aquelle espirito amargurado. Lembro-me que n'aquelle momento recordei, como ainda hoje recordo, a pagina de melancholia de Zola, na *Oeuvre*, quando Gagnière, o musico, faz perpassar, na sordidez d'um botequim aos olhos de Claudio, a theoria triumphal

das grandes visões em que a obra dos seus mestres lhe communica, ao espirito, a synthese da sua belleza. Tambem alli, aquelle poeta desgraçado e amargo despenhava perante mim os diamantes do seu espirito, porventura imperfeitamente lapidados, mas d'um brilho, d'uma pureza, d'uma agua tão cristalina que se diriam provir da terra virgem, alliando á côr do sol o perfume das flôres silvestres.

Nunca ouvi ler assim, nem desejo tornar a ouvir ler assim. José Duro, com a sua voz rouca, quasi não fazia uma pausa. Oh! a rapidez terrivel afflictiva da sua leitura, a ancia de exprimir em gritos o fructo da sua paixão! Dir-se-hia que esse rapaz, tão novo, receiava não ter vida para chegar ao fim, e por isso traduzia, a correr, a marcha final dos seus sonhos, na galopada phrenetica das suas palavras!

*
*
*

No dia seguinte eu acompanhei José Duro á imprensa Libanio da Silva, onde elle queria imprimir o seu livro. Foi a ultima vez que o vi. Passado algum tempo, o mesmo amigo que m'o apresentara encontrava-me e dizia :

- Sabes ? O José Duro já não sae de casa.
- Peorou ?
- Peorou assustadoramente.
- E o livro ?
- O livro está quasi prompto. Pois se elle é tão pequeno !

Era bem pequeno e, todavia, como era grande ! Tive ensejo de o reconhecer quando me chegou ás mãos um dos primeiros exemplares sahidos do prelo. E' o mesmo que tenho aqui na minha frente. N'um dos seus trechos, que a sua enternecedora camaradagem me dedicou, leio estas palavras, escriptas pelo seu punho, debaixo do meu nome : *Ao poeta e ao amigo* — *Lx.* 31-12-98. — *José Duro*. Quando a sua mão traçou estas linhas, só lhe restavam trez semanas de vida.

Não conheço exemplo de maior infortunio. E' preciso não comprehender o amor que todo o verdadeiro artista tem á sua obra, a esperanza ardente com que a reputa susceptivel de acordar o sentimento da sua belleza no publico indifferente, a quasi infantil vaidade,

tão candida que só deve provocar um sorriso de enternecimento, com que o artista que principia espera as sazações da crítica, os abraços dos amigos, a simpathia dos admiradores desconhecidos — é preciso não comprehender esse estado de alma, a que nenhum dos maiores genios se eximiu decerto, para avaliar em todo o seu horror o soffrimento de José Duro que elle, para mais, teria de suffocar no seu intimo, mercê d'essa convencional modestia que suffoca tantas vezes as mais puras, as mais limpidas sinceridades do desejo, que promette, e do orgulho, que affirma.

Cesario Verde, Antonio Nobre, morreram novos. Mas Cesario Verde era já reconhecido como um talento original, chegára já ás perfeições da fórma que n'elle faziam adivinhar um mestre. Antonio Nobre morreu quando já sabia que tinha o seu nome, como Cesario Verde, destinado á historia litteraria do seu Paiz. Ambos sabiam que eram grandes poetas, como taes reconhecidos, senão por todo um publico, por uma *élite* de intelligencia. O pobre José Duro ignorado vivera sempre. Não me lembro sequer de ter visto versos seus n'essas revistas ephemerias por onde todos começam. O seu livro era a sua estreia e elle morreu com a desoladora impressão de que ninguem o lêra ou apreciára. Eu proprio, por circumstancias alheias á minha vontade, não pude em vida do auctor do *Fel* escrever o que pensava do seu livro que na realidade só me foi dado apreciar devidamente quando publicado, porque da leitura que d'elle me fizera José Duro apenas me restava a impressão d'uma vertigem. No proprio dia em que regressava á minha mesa de trabalho na redacção da *Lanterna*, chegava-me a noticia da sua morte, e só me foi dado depôr sobre o seu cadaver, ainda quente, as flores da minha admiração ensepadas no pranto da minha magoa.

*
* *
*

Não conheço de todos os *esquecidos*, nenhum mais esquecido. E, todavia, a sua memoria ha de refflorir. N'essa magnifica, angustiosa e suprema poesia *Doente*, com que o *Fel* termina, uma quadra fecha o testamento do poeta. Diz elle :

Por isso irei sonhar debaixo d'um cipreste
alheio á seducção dos ideaes perversos...
O poeta nunca morre, embora seja agreste
a sua inspiração, e tristes os seus versos !

A inspiração de José Duro não era agreste. Ella nascia, doce e pura, na sua alma. Simplesmente, passava por uns labios embebidos no fel dos desenganos. Quem escrevia a *Rustica*, essa poesia de tão clara e suave emoção, não era um espirito enebriado em ideaes perversos. Não ! Era alguém que n'essa vida via bondade, amor, ventura e paz, e que, agitado nas convulsões do desespero, amaldiçoava a cruel sorte que lh'as não consentia.

Quem só attender ás palavras de desespero de José Duro, pode julgar o livro extranho em que elle condensou as suas magoas uma obra de terrível pessimismo. Terá essa impressão o leitor que através de um canto não soube entrever a idéa, os sentimentos inspiradores. Não, poeta e amigo que não chegaste a viver. Toda a tua dôr, toda a tua indignação, todo o teu sarcasmo, não eram mais do que irrupções freneticas da bondade da tua alma. Quando dizias :

Agora comprehendo a dôr de não ter lar
e a dôr de viver só — desventura tamanha !
E' ser mais triste do que os cardos da montanha,
as arzes do caminho e as noites sem luar...

davas-nos o segredo do teu desespero, da tua colera, do que chamavas o teu odio, e que não eram mais do que dôr, do que abandono, do que tristeza, do que miseria e doença, do que morte presentida a todo o instante.

Por isso, se lê na *Rustica* :

Que a vida que eu arrasto amargurada, incalma,
enrouqueceu-me a voz e amorteceu-me a vista...
Tornou-me o que eu não era — um grande pessimista,
mostrou-me tudo mau, e enegreceu-me a alma.

Não ! A sua alma não se enegreceu Bastava a sua dôr para a clarear. A dôr purifica. Apontem-me um poeta, um verdadeiro poeta, que não haja soffrido. A dôr é um manancial de poesia. Os cantos mais bellos que o genio humano tem produzido são aquelles que a dôr fez brotar da alma alanceada e commovida.

Não ha belleza que não seja claridade. E a alma de José Duro, que elle, torturado, julgava escura como a noite, transparece ainda, atravez da sua sepultura, como uma aurora.

Mayer Garção.

In. *Capital*, 17 Maio 1914.

Sobre o poeta pode o leitor consultar ainda *O Livro do Morio* no *Seculo* de 22 de Janeiro de 1899. e os artigos de Albino Forjaz de Sampaio em *A Chronica*, de Junho de 1903 — N.º 92 — 4.º anno, no n.º 49 do *Arco-Iris* e na *Lucta* de 15 de Janeiro de 1909 e 28 de Janeiro de 1914.



ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO
NA IMPRENSA DE MANOEL LUCAS TORRES, EM LISBOA,
NA RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 57 A 61,
AOS 10 DE MARÇO DE 1923



